



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA PLENA**

GILMA BEATRIZ DA SILVA RENOVARO

**O ENRAIZAMENTO COMO NECESSIDADE MAIS IMPORTANTE DA ALMA
HUMANA NA CONCEPÇÃO DE SIMONE WEIL**

**CAMPINA GRANDE
2020**

GILMA BEATRIZ DA SILVA RENOVATO

**O ENRAIZAMENTO COMO NECESSIDADE MAIS IMPORTANTE DA ALMA
HUMANA NA CONCEPÇÃO DE SIMONE WEIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em filosofia.

Área de concentração: Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R419e Renovato, Gilma Beatriz da Silva.

O enraizamento como necessidade mais importante da alma humana na concepção de Simone Weil [manuscrito] / Gilma Beatriz da Silva Renovato. - 2020.

56 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia francesa. 2. Enraizamento. 3. Coletividade. 4. Desenraizamento. 5. Trabalho. I. Título

21. ed. CDD 194

GILMA BEATRIZ DA SILVA RENOVATO

O ENRAIZAMENTO COMO NECESSIDADE MAIS IMPORTANTE DA ALMA
HUMANA NA CONCEPÇÃO DE SIMONE WEIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba como requisito parcial
para obtenção do título de licenciado em
filosofia.

Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em: 03/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Simone Marinho Nogueira

- Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)
- Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

José Arlindo de Aguiar Filho

Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Otacílio Gomes da Silva Neto

Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha tia Maria Alexandrina da Silva (*in memoriam*) que mesmo em sua insciência acerca da filosofia e de qualquer vivência acadêmica ainda conservava a delicadeza de preocupar-se com meus retornos noturnos para casa, com meu descanso, segurança e alimentação “naqueles mundos”.

AGRADECIMENTOS

A todo o corpo docente e administrativo do Departamento de Filosofia pela solicitude e empenho.

A minha orientadora Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira pela paciência, pelos textos sugeridos ao longo da orientação que me auxiliaram na composição do trabalho, pela forma respeitosa e responsável com que conduziu essa orientação, pelas oportunidades e, acima de tudo, por acreditar em meu potencial. Por tudo isso, todo meu agradecimento e reverência.

Aos meus pais Vera Lúcia da Silva Renovato e José Francisco Renovato que, mesmo sem entender o que eu passei quase seis anos estudando, fizeram tudo o que estava ao seu alcance para que eu continuasse e que sem dúvidas me apoiarão da mesma forma no futuro porque entendem que a educação e o conhecimento é a única coisa que não pode ser roubada de nós e que é o único caminho para alguém que não tem dinheiro.

A todos os colegas de turma pela leveza que trouxeram a essa jornada, em especial:

A Ismaéla Matos, por compartilhar belas e novas visões de mundo que fizeram com que encarasse minha jornada de forma diferente e me tornaram quem sou hoje.

A Neuma Antônia por compartilhar seu afeto e confiança com uma jovem mal saída da adolescência.

A Rumella Soares pelas conversas esclarecedoras sob o teto de estrelas.

A Arianny Ramos pelas gargalhadas, o amparo, a confiança e paciência.

Aos meus amigos Douglas Victo, Raniel Luna e Silvanessa Guedes por tornarem as intermináveis e desconfortáveis viagens diárias mais agradáveis e divertidas.

À minha melhor amiga Lady Beatryz por compartilhar comigo as alegrias, tristezas e loucuras da vida acadêmica.

Ao meu namorado Júlio Cesar que me apoiou de todas as formas possíveis quando mais precisei, à sua segurança, inteligência e calma que me impediram de desistir.

A todos vocês, meu profundo amor, amizade e gratidão.

“A desgraça é um imenso prestígio quando a desgraça da força se junta a ele. A desgraça dos fracos não é nem mesmo um objeto de atenção; se entretanto não for um objeto de repulsão.”
(WEIL, *E*, 2001, p. 199)

RESUMO

A filósofa francesa Simone Weil sempre teve a inegável capacidade de nos despertar a reflexão com as narrativas de suas experiências combinadas a sua forma única de pensar. Na obra *O Enraizamento* não é diferente. Neste livro, nos leva a questionar a importância do fenômeno humano que ela chama de enraizamento, bem como a relação dele com outros fenômenos intrinsecamente humanos como as coletividades. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é explicar a concepção de enraizamento cunhada por Simone Weil nos seus últimos anos de vida onde se encontrava imersa num contexto de guerra. Para realização dessa tarefa empregamos duas metodologias distintas e complementares. Num primeiro momento, nos ocupamos de um estudo minucioso da obra da filósofa francesa intitulada *O Enraizamento*, sem deixar de lado o contexto de desenraizamento e destruição em que foi escrito. No momento seguinte, nos detemos na leitura e no diálogo entre textos da própria filósofa, escritos em momentos diferentes da sua vida, sem deixar de levar em consideração comentários feitos por estudiosos da sua filosofia. Nossa pesquisa nos revela que o enraizamento é essencial para a existência do ser humano e, como tal, engloba uma série de concepções – tais como o desenraizamento, as necessidades vitais e o trabalho – que, como tudo na filosofia weiliana, não se mantém apenas no âmbito teórico, mas sim representa algo da realidade e das experiências comuns do ser humano. Descobrimos que o enraizamento não é de fácil explicação pois depende de uma série de “circunstâncias ideais” que acontecem em áreas diferentes da existência humana e, por isso, torna-se um conceito – e um estado – complexo de elucidar.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia francesa. Enraizamento. Coletividade. Desenraizamento. Trabalho.

ABSTRACT

The French philosopher Simone Weil has always had the undeniable ability to awaken us to think about our narratives of her experiences combined with her unique way of thinking. In the work *The Need for Roots* isn't different, in her writings she leads us to question the importance of this human phenomenon that she calls rooting, as well as its relationship with other intrinsically human phenomena such as collectivities. Therefore, the objective of this work is to explain the conception of rooting coined by Simone Weil in his last years of life where he was immersed in a context of war. To accomplish this task, we use two distinct and complementary methodologies. At first, we are engaged in a detailed study of the work of the French philosopher entitled *The Need for Roots*, without leaving aside the context of uprooting and destruction in which it is written. In the next moment we stop at reading and in the dialogue between texts by the philosopher herself, written at different times in her life, while taking into account comments made by scholars of Weilian philosophy. Our research reveals that rooting is essential for the existence of human beings and as such, it encompasses a series of conceptions - such as uprooting, vital needs and work - that, like everything in Weilian philosophy, do not remain just theoretical scope, but rather represents something of the reality and common experiences of human beings. We found that rooting is not easy to explain because it depends on a series of "ideal circumstances" that happen in different areas of human existence and therefore, it becomes a complex concept - and a state - to elucidate.

KEYWORDS: Rooting. Simone Weil. Collectivity. Uprooting. Job.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: SIMONE WEIL - UMA VIDA ENRAIZADA NA SUA VOCAÇÃO INTELECTUAL	11
1.1 Uma intelectual engajada nas causas sociais	11
1.2 Simone Weil e sua vocação intelectual	15
CAPÍTULO II: AS NECESSIDADES DA ALMA COMO DEVERES PARA COM O SER HUMANO	19
2.1 O ser humano e a obrigação eterna	19
2.2 As necessidades vitais da alma	24
CAPÍTULO III: O DESENRAIZAMENTO E O <i>MALHEUR</i>.....	31
3.1 O Desenraizamento operário (uma doença social)	31
3.2 Desenraizamento camponês e seu esquecimento	39
3.3 Desenraizamento geográfico e nação	43
CAPÍTULO IV: OS <i>METAXU</i> PARA O ENRAIZAMENTO	48
4.1 A espiritualidade como centelha de um povo	48
4.2 O trabalho como recriação	51
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a concepção de enraizamento e todos os conceitos pertencentes a esta faceta da filosofia ético-política da filósofa francesa Simone Weil (1909-1943) que viveu entre guerras e, assim como todas as outras experiências de sua vida, tirou delas reflexões riquíssimas e frequentemente voltadas para aqueles que não recebiam a atenção necessária, sempre com uma visão realista das experiências e acessibilidade intelectual em seus escritos.

O Enraizamento, obra principal a ser estudada nesse trabalho, foi escrita em meados de 1942, época em que Simone Weil se encontra refugiada na Inglaterra e, “olhando de fora” para o que acontece com sua nação e com o mundo, repensa o conceito de coletividade e o sentimento próprio da humanidade de pertencimento a seu lugar de origem, bem como a forma como se vive nessa coletividade. Assim, como fizeram outros antes dela, elabora o que seria uma sociedade ideal aos olhos de sua filosofia, encontrando soluções para o que não funciona e adicionando aquilo que falta para que uma sociedade seja o que deve ser para sanar as necessidades do ser humano.

O conceito de enraizamento cunhado por Simone Weil não é facilmente explicável, pois alia duas áreas da filosofia comumente afastadas no âmbito acadêmico, isto é, ético-política e mística. Vemos em sua obra um grande reflexo do viés místico da filósofa que se intensifica em seus últimos anos de vida – ao falar sobre espiritualidade e religião – sendo usado lado a lado com uma orientação ético-humanitária, em que ela deixa clara sua preocupação com o sofrimento daqueles menos afortunados e uma análise metódica do que é uma coletividade e do que poderia ser, algo frequentemente encontrado em textos políticos.

Simone Weil irá caminhar por fatos da história de civilizações antigas e da própria França como forma de exemplificar sua filosofia, sem deixar de lado suas próprias experiências, como trabalhadora fabril e camponesa e, é claro, suas experiências com a guerra, o povo alemão e a figura de seu ditador, que nossa filósofa compreendia como sendo completamente desenraizados.

O enraizamento descrito por Simone Weil é definido pela saciedade de várias necessidades próprias da humanidade que só podem ser plenamente satisfeitas dentro de uma coletividade. Essas necessidades vão além do sentir fome ou do sentir frio, elas se encontram na alma do ser humano e vão desde coisas pequenas até coisas que nossa filósofa coloca como sendo o pilar central de uma sociedade enraizada. Mas o que é de fato o enraizamento estudado

pela filósofa francesa? Como dois campos distintos como mística e ética-política podem se aliar para trazer o enraizamento até uma coletividade? Quais são essas necessidades próprias da humanidade que precisam ser saciadas? E sendo o enraizamento o estado esperado para um ser humano inserido em uma coletividade, o que acontece com aqueles que não conseguem alcançar tal estado e quais os possíveis motivos para isso? São essas as perguntas que tentaremos responder neste trabalho analisando minuciosamente a obra intitulada *O Enraizamento* e tendo como apoio textos de comentadores e obras de outros momentos da vida de Simone Weil.

O trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro deles fazemos uma breve apresentação da vida da filósofa a ser estudada com o intuito de, em primeiro lugar, tirá-la do anonimato no âmbito acadêmico e, em segundo lugar, demonstrar que sua filosofia não se dissocia de sua jornada existencial e, sendo assim, carrega uma veracidade que tantas vezes falta a outros pensadores. No segundo capítulo nos detemos na primeira parte do seu livro, *O enraizamento*, analisando sua concepção de necessidades da alma humana como análogas à fome, tanto em importância social como em importância para a sobrevivência. No terceiro capítulo nos debruçamos sobre o desenraizamento, isto é, o não enraizamento parcial ou total, bem como as suas consequências na alma. E por fim, no quarto capítulo, analisamos o aspecto místico do enraizamento, que é inerente ao aspecto ético-político desse conceito.

CAPÍTULO I: SIMONE WEIL - UMA VIDA ENRAIZADA NA SUA VOCAÇÃO INTELECTUAL

O percurso existencial da filósofa francesa Simone Weil é repleto de uma força capaz de encantar a muitos. Nossa filósofa foi professora, operária de fábrica, agricultora, mística, militante de esquerda e em tudo isso nunca deixou de registrar suas experiências e tirar delas reflexões ricas que são estudadas nos meios acadêmicos até hoje. Tendo tais reflexões como base, dividiremos este capítulo em dois momentos, são eles: uma apresentação da vida da filósofa que foi sempre cercada de lutas sociais, preocupação com aqueles menos favorecidos e esquecidos pela sociedade, e uma análise de um de seus escritos intitulado *A sua vocação intelectual* contido em sua obra *Espera de Deus*, onde estão reunidas algumas cartas que Simone Weil trocou com aqueles de sua confiança, tratando de assuntos diversos, dentre eles textos que versam, sobretudo, sobre o amor.

1.1 Uma intelectual engajada nas causas sociais

Ler os escritos de Simone Weil (1909-1943) é uma experiência inquietante, seja por sua variedade de ideias ou pela força e veracidade com que ela nos apresenta. Manter-se impassível ou indiferente depois de ser apresentada a seu pensamento é algo que não costuma ocorrer, concordemos ou não com o que ela nos oferece, pois, sendo profunda conhecedora das tradições filosóficas, não se deixava levar pelas filosofias obsoletas que se distanciavam do que ela considerava verdade; sendo assim, fazia reflexões novas e diferentes daquelas surgidas em seu contexto, sempre com muita consciência.

Existem filósofos cujas vidas não se dissociam de suas obras, e com Simone Weil não é diferente, ambas caminham muito próximas. Simone prezava pela coerência em seus escritos, e por isso decidiu não ser apenas mais uma filósofa de gabinete, sua obra reflete, antes de tudo, sua trajetória existencial.

Em Simone Weil há uma inseparável relação entre vida e pensamento. Não é possível compreender seus escritos sem conhecer sua trajetória existencial. [...] Conhecer sua biografia é verdadeiramente fascinante, encanta tanto que facilmente pode nos levar a ficarmos apenas com seus dados biográficos e deixarmos de lado suas reflexões filosóficas, que é completa, erudita, audaciosa, original e com muitos elementos contraditórios. (MARTINS, 2013, p. 29).

Por esse motivo, e também por ser uma filósofa pouco conhecida entre os acadêmicos brasileiros, façamos aqui uma breve apresentação de sua vida¹.

¹ Segundo NOGUEIRA, 2017, *passim* “Há uma vasta biografia sobre a vida de Simone Weil, mas a obra de referência continua sendo a escrita por Simone Pétrement e publicada em 1973. Pétrement foi amiga de S. Weil, as duas estudaram juntas no Liceu Henry IV e na Sorbonne”.

Simone Weil nasce numa família judia não praticante no dia 3 de fevereiro de 1909, em Paris; filha do Dr. Bernard Weil e de Selma Weil e irmã mais nova de André Weil. Cresce num ambiente agradável, apaixonado pela cultura e pelo conhecimento. Desde criança ela desperta sua preocupação com aqueles menos favorecidos. Durante a primeira guerra mundial, por exemplo, torna-se madrinha de um soldado do fronte, ajuda-o fazendo pequenos trabalhos para seus pais que a pagam e guarda para ele seus doces. Em sua infância, sob a proteção da família, cultiva um espírito forte, resoluto e acima de tudo bondoso. Em uma de suas fotografias aos sete anos de idade Simone posa junto ao seu pai, mostrando uma expressão séria, corajosa e paciente. Desta fotografia Ecléa Bosi afirma “[...] ainda que nada conhecêssemos dela senão esse retrato, nunca a esqueceríamos” (BOSI, 1996, p. 22).

Em 1919, Simone Weil mais uma vez mostra sua simpatia pelos vencidos ao envergonhar-se com o Tratado de Versalhes² que para ela tem o intuito de humilhar o inimigo. Aos onze anos foge de casa e é encontrada seguindo uma manifestação grevista. Na adolescência ela sente-se inferior em tudo ao seu irmão André, e se entristece, não por falta de sucessos exteriores, mas como ela mesma diz por “[...] não poder esperar qualquer acesso a esse reino transcendente em que entram apenas os homens autenticamente grandes e onde habita a verdade.” (WEIL, *ED*, 2005, p. 57) É desse momento de tristeza e reflexão que surge um dos conceitos mais importantes da sua filosofia, o conceito de Atenção. Já nessa época acompanhava as aulas de filosofia que mais adiante a levaria até Alain³ que teve grande influência no seu percurso filosófico. Em 1928 começa a frequentar a Sorbonne e é nessa época que Simone de Beauvoir a conhece e passa a admirá-la, tal é a experiência que ela o menciona em um de seus escritos:

Intrigava-me por sua inteligência de grande reputação e por seu modo estranho de se vestir; perambulava pelo pátio da Sorbonne escoltada por um bando de antigos alunos de Alain; trazia sempre no bolso de seu casaco um número de *Libres Propos* e, no outro, um do *Humanité*. A fome devastara a China e tinham contado que, a saber dessa desgraça, ela chorara: essas lágrimas, mais do que seus dons filosóficos, forçaram meu respeito. Eu invejava um coração capaz de bater através do universo inteiro. Consegui um dia chegar-me a ela. Não sei mais como a conversa se iniciou; declarou-me em tom cortante, que somente uma coisa importava hoje na terra: a Revolução que daria de comer a todos. Eu atalhei, de modo não menos peremptório, que o problema não consistia em fazer a felicidade dos homens e sim dar um sentido a vida deles. Ela mediu-me dos pés à cabeça e disse: Bem se vê que nunca teve fome.” (BEAUVOIR, 2009, p. 182).

Termina sua *agrégation* (semelhante ao nosso Trabalho de Conclusão de Curso) fazendo um trabalho sobre Descartes. Em 1927 a França abre a possibilidade de as mulheres fazerem

² O Tratado de Versalhes (1919) foi um tratado de paz assinado pelas potências europeias encerrando oficialmente a Primeira Guerra Mundial.

³ Pseudônimo de Émile Chartier.

parte do corpo docente dos Liceus e tanto Weil quanto Beauvoir fazem o exame para Filosofia Geral e Lógica. Weil fica em primeiro lugar e Beauvoir em segundo (Cf. NOGUEIRA, 2017). Simone Weil pede uma cadeira em uma cidade operária, é enviada ao liceu de Puy. Seu jeito desajeitado e sua aparência desleixada causam primeiro a hilaridade das alunas em suas primeiras aulas, mas com o passar do tempo uma cumplicidade vai se formando entre professora e alunas. Ainda em Puy, Simone começa a participar intensamente das atividades sindicais e decide dividir seu salário de professora utilizando para si apenas o correspondente ao salário de um trabalhador em greve, a outra parte vai para caixas de socorro dos grevistas e a imprensa militante. Entre cursos a operários, visitas ao conselho municipal junto com os mineiros, Simone Weil recebe pedidos de transferência de pessoas insatisfeitas com a atitude da professora e também apoio de seus colegas professores, tudo sem abandonar ou até diminuir a qualidade de seu curso no Liceu.

Em 1932 Simone parte para Alemanha em busca de Leon Sedov, filho de Trotsky que corria perigo em Berlin a pedido dos trotskianos, e lá encontra tranquilidade já que Hitler ainda não havia tomado o poder. Voltando, ela traz consigo a maleta de Leon Sedov contendo um caderno com nomes dos trotskianos das principais cidades alemãs. De volta à França, fica sabendo de sua nomeação para o Liceu de Auxerre; lá suas relações com a diretora não são boas, os pais temem sua influência sobre as filhas. Justificado por relatos depreciativos da diretora, as aulas de filosofia no Liceu são suprimidas e Simone Weil parte de Auxerre. Depois é nomeada para Roanne, ficando muito próximo dos mineiros de Saint-Etienne e lá envolve-se em protestos pelos direitos dos mineiros. É nessa época que mesmo amando seu trabalho como professora, despede-se das alunas e pede licença para mergulhar na condição oprimida. Nesse momento Simone Weil tem vinte e cinco anos. Nas fábricas, o trabalho é pesado e a fadiga quase a faz esquecer o porquê de estar ali, mas ainda assim ela sente-se feliz. Em agosto de 1935 deixa a Renault. Depois de um tempo o trabalho pesado das fábricas mudam a filósofa-operária francesa, ela perde sua ingenuidade e vivacidade infantil, decerto consequência da constante submissão imposta nas fábricas. “Nessa época seus pais a levam a Portugal porque só o mar consegue retemperá-la” (BOSI, 1996, p. 47).

De volta à França, Simone Weil é nomeada para Bourgues, vai ministrar os cursos de grego e filosofia. Durante suas férias trabalha em fazendas do lugar, tratando de vacas e colhendo beterrabas. Depois de findado o ano letivo, Simone atravessa a fronteira espanhola com salvo-conduto de jornalista depois que a França recusa ajuda com a revolução dos generais de direita espanhóis. Chegando lá, junta-se ao batalhão, aprende a manejar armas e a rastejar na lama mirando em aviões inimigos. Na tentativa de protegê-la, seus colegas se revezam para

velar seu sono em segredo e o capitão a manda para a cozinha em certas ocasiões. Sua coragem não impede que as circunstâncias a tirem do combate quando ela pisa numa panela cheia de óleo quente, sofre graves queimaduras e é levada ao hospital. Lá é recebida hostilmente por um médico fascista que abandona seu tratamento; seus pais conseguem atravessar a fronteira e encontrá-la. Depois de muito esforço, o Dr. Weil cuida de sua perna e com a ajuda de amigos a convence a voltar para a França salvando-a assim do massacre que seu batalhão sofre tempos depois em Perdiguera.

Em tratamento em Montana, que fica a caminho da Itália, Simone Weil resolve conhecer o país e posteriormente ir de carroça até a Suíça. Aproveita as maravilhas da Itália até chegar em Assis onde todo o resto da Itália torna-se menos belo; é em Assis, na capela de Santa Maria dos Anjos que ela tem seu primeiro contato com o Deus cristão, quando, escreve ela “[...] qualquer coisa mais forte que eu, obrigou-me, pela primeira vez na minha vida, a ajoelhar.” (WEIL, *ED*, 2005, p. 61) Em novembro de 1938 enquanto recita *Love* do poeta inglês do século XVII, George Herbert, tem sua primeira experiência mística, e relata: “De resto, neste súbito ascendente de Cristo sobre mim, nem os sentidos nem a imaginação tiveram parte alguma; senti apenas através do sofrimento, a presença de um amor análogo ao que percebemos no sorriso de um rosto amado” (WEIL, *ED*, 2005, p. 62).

Em março de 1939 as forças alemãs invadem Praga e Simone elabora um plano: lançar-se de paraquedas em Praga com um grupo preparado para isso e ajudar os tchecos. Com este objetivo, entra em contato com as autoridades, mas tem seu plano vetado por causa do seu passado de militante de esquerda. Em 1940 os alemães começam sua investida contra a França e os Weil decidem partir de trem apenas com a roupa que estão vestidos. Durante a fuga eles chegam a Vichy durante a trégua e Simone Weil deseja alcançar a Inglaterra para participar da Resistência Francesa que lá está formada. Chegando a Marselha a família consegue que vários dos seus pertences cheguem até eles e ali se instalam por um tempo. Foi nessa época que Simone Weil conheceu aquele que se tornaria seu amigo Pe. Perrin e começa a trabalhar nos campos sob o olhar de Gustave Thibon. Em 1941 vai trabalhar nas vindimas⁴ de Saint-Julien de Peyrolas até que seu tempo termine e a crise causada pela guerra a deixe desempregada, assim ela volta a viver com seus pais. Em 16 de maio de 1942 com a ajuda de André Weil, ela embarca com os pais para Nova York deixando seus cadernos com Thibon – que posteriormente os publica como parte da obra de Simone Weil. Já na América ela escreve para as autoridades inglesas e também para amigos na tentativa de colocar em prática seu plano de penetrar na França com

⁴ Período em que se dá a colheita de uvas.

um grupo de enfermeiras de primeira linha. Em outubro do mesmo ano chega à América. André Philip, membro do Comitê Nacional da França Livre, leva Simone Weil para Londres a serviço da Resistência. Lá ela trabalha analisando propostas de reorganização da França pós-guerra. É desse período que resulta *O Enraizamento*. Desde Marselha, Simone Weil alimenta-se mal, com o pensamento naqueles que passam fome, mas ainda ansiava o momento de ser chamada a pular de paraquedas na França ocupada e desgostava-se por não poder ajudar seu povo.

Em 15 de abril Simone falta o trabalho e é encontrada inconsciente em seu quarto, é levada ao hospital e diagnosticada com tuberculose, ainda assim recusa-se a se alimentar direito. É transferida para o sanatório de operários de Ashford e morre em 24 de agosto de 1943.

Simone Weil teve uma vida curta e intensa, seus escritos sempre estiveram atrelados as suas lutas sociais e impulsionadas por um espírito que acredita naquilo que escreve. Nossa filósofa sempre esteve cercada daqueles que precisavam de ajuda como os mineiros de Puy em suas reivindicações na prefeitura as quais nossa pensadora acompanhou, ou os cursos de francês e economia política para os mineiros de Saint-Etienne; e com espírito de luta encantava os outros, seja com seus escritos ou suas atitudes, como aconteceu com suas alunas que a protegiam da diretora do liceu da forma como podiam ou os operários das fábricas que a ajudavam – mesmo que isso lhes fizesse perder minutos preciosos – quando a força de Simone Weil falhava nas longas horas de trabalho pesado. E ainda assim, de acordo com Éclea Bosi, nossa filósofa estava sozinha no momento de sua morte.

1.2 Simone Weil e sua vocação intelectual

O percurso existencial de Simone Weil sempre esteve intrinsecamente ligado aos seus escritos, mas suas atitudes vão muito além da necessidade de veracidade naquilo que escrevia. Em uma de suas cartas de despedida deixadas antes de partir da França fugindo dos avanços dos alemães durante a segunda guerra mundial, ela escreve a alguém identificado apenas como S. e explica que envia junto a carta quatro coisas, são elas: uma carta para o Pe. Perrin – a qual deve ser entregue em mãos e lida por ele apenas quando dispuser de tempo e liberdade de espírito –; um comentário sobre os textos pitagóricos; uma tradução de um fragmento de Sófocles e por fim um texto sobre o uso espiritual dos estudos escolares. Em todas as suas recomendações durante a carta nos é muito nítido – apesar da sutilidade com que é colocado – que Simone Weil preocupa-se com a forma como seus escritos serão usados, mas também se preocupa com os sentimentos que estes podem despertar e a forma com que podem ajudar aqueles que os lerem.

Em um trecho específico escrito para seu amigo Pe. Perrin, Simone Weil contando-lhe sobre suas motivações para a total negação a uma possível entrada na Igreja, ou seja, ser batizada como pedem os dogmas e preceitos, escreve:

O grau de probidade intelectual que me é obrigatório, por força da minha vocação pessoal, exige que meu pensamento seja indiferente a todas as ideias sem exceção, incluindo, por exemplo, o materialismo e o ateísmo; igualmente acolhedor e reservado a todos. Do mesmo modo que a água é indiferente aos objetos que nela mergulham; ela não os pesa; são eles que se pesam a si mesmos após algum tempo de oscilação. (WEIL, *ED*, 2005, p. 78).

De acordo com a filósofa, entrar para a Igreja lhe seria impossível pois sua vocação pessoal a impede. A vocação a qual Simone Weil se refere não é senão a sua vocação intelectual, tão fortemente arraigada que nada além da imposição poderia ser uma denominação válida para aquilo que seu intelecto lhe dita. Ela vai além e em sua carta afirma que apenas em um momento sua aceitação à Igreja seria possível, a saber: quando lhe fosse totalmente incapaz de trabalhar intelectualmente. Tais afirmações podem soar como arrogância por parte da filósofa em um primeiro olhar, mas essa impressão não se mostra verdadeira à medida que ela expõe sua visão. Para ela, tal imposição sem margem para escolhas de sua vocação intelectual lhe é definitiva e certa, “[...]tanto quanto um ser humano tem direito a empregar estas duas palavras [...]” (Idem, p. 78).

Simone Weil afirma que ela própria não é verdadeiramente assim – verdadeiramente acolhedora e neutra para com tudo e todos – mas que lhe é obrigatório ser para cumprir com seu papel de intelectual e, se aceitasse o batismo, não poderia mais ter esse posicionamento diante das diversas realidades que estão fora dos dogmas da Igreja. Para ela, aceitar o batismo é o ato de excluir tudo e qualquer coisa ou outro que esteja fora do cristianismo. Nossa filósofa afirma que deve permanecer assim por toda a sua vida e que em nenhum momento dela teve sequer a impressão de poder escolher, pois o próprio Cristo e seu serviço é quem lhe privam da comunhão da Igreja em favor desse mesmo serviço e desse mesmo Cristo. Tal imposição jamais pode mudar, a menos que lhe seja de alguma forma retirada definitivamente sua total capacidade de trabalho intelectual, esta é a sua condição inegável e inescapável para se manter no que ela denomina de “[...] serviço de Deus e da fé cristã no domínio da inteligência.” (Idem, p. 78)

Antes de retornar às questões mais práticas de sua carta, nossa filósofa escreve:

Se isto for fonte de tristeza para o Pe. Perrin, posso apenas desejar que ele me esqueça rapidamente; porque prefiro infinitamente não ter qualquer parte nos seus pensamentos do que ser para ele causa do menor desgosto. Exceto, no caso em que ele possa daí retirar um bem. (WEIL, *ED*, 2005, p. 79).

Simone Weil assevera sua total doação ao próximo aceitando seu próprio esquecimento em detrimento das emoções alheias, exceto em circunstâncias onde suas declarações possam ser usadas de alguma forma em benefício intelectual do outro. Tal atitude nos mostra onde ela deixa de aceitar o esquecimento em favor da realização do que pede sua vocação intelectual imposta por Deus.

Em seus últimos anos de vida, Simone Weil desenvolveu sua vertente mística, e conseqüentemente seus escritos tornam-se mais espiritualizados. É possível perceber com clareza em suas cartas essa face da filosofia weiliana que pode se tratar da sua mística da contemplação, outra face da mística da ação⁵. Esta faceta da mística de Simone Weil consiste em refletir filosoficamente sobre as ações – principalmente em sua estadia como trabalhadora nas fábricas – e surge com o impulso de validação que a filósofa sente enquanto se nega a ser uma pensadora de gabinete. Em um de seus relatos de fábrica contidos na obra *A Condição Operária*, ela escreve:

O esgotamento acaba por me fazer esquecer os verdadeiros motivos de minha estadia na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que esta vida inclui: a de não pensar mais, o único meio de não sofrer com ela. Só no sábado de tarde e no domingo é que minhas lembranças voltam – farrapos de ideias! –, que me lembro que sou também um ser pensante (WEIL, *CO*, 1996, p. 96).

No trecho acima citado, Simone Weil reflete sobre os motivos pelos quais os trabalhadores da fábrica tornam-se resignados e não questionam ordens – muitas vezes abusivas – ou até mesmo as condições de trabalho. Um desses motivos é o esgotamento físico e mental ao qual são submetidos do momento em que entram na fábrica até o momento em que saem e muitas vezes nem os dias de folga são capazes de livrá-los desse esgotamento. Em sua preocupação com o outro, ela se põe em condições de trabalho de um chão de fábrica na tentativa de compreender e ajudar de alguma forma aqueles que ali sofriam. Foi com esse espírito determinado que nossa filósofa viveu e escreveu sobre o que experienciou, atraída por essa configuração de pensamento e ação antes mesmo de parar para refletir sobre sua vocação intelectual e a obrigatoriedade imposta a ela tão fortemente desde a infância até seus últimos dias.

A vocação intelectual que nossa filósofa carrega está atrelada à busca pela verdade que ela busca acessar em sua tenra idade quando se acha incapaz intelectualmente ao se comparar com seu irmão André. É a mesma verdade que é estar ao serviço de Deus e que ela escreve em

⁵ Para uma explicação mais detalhada sobre a mística da contemplação ver o texto *Mística do trabalho* contido na obra *A Gravidade e a Graça* e o artigo *A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação* de Nogueira, 2017.

A Espera de Deus como “esse reino transcendente em que entram apenas os homens autenticamente grandes e onde habita a verdade.” (WEIL, *ED*, 2005, p. 57) No entanto, ela passa a compreender que sua vocação lhe é imposta – da mesma forma que grilhões são impostos a escravos – e acaba por descobrir que essa verdade não carrega apenas beleza, virtude e bem, uma vez que unida a sua herança cultural, se torna um terrível privilégio pois lhe força a cair entre homens reais (cf. WEIL, *CO*, 1996, p. 84) tomando consciência daqueles necessitados ou vivendo na miséria. E isso inclui aqueles operários das fábricas pelas qual Simone Weil passou. Em sua experiência ela escreve à um engenheiro diretor de uma fábrica:

Entretanto, perguntava-me inquieta como conseguiria escrever-lhe, submetendo-me a limites impostos, porque é evidente que é preciso entrar por uma prosa bem ajuizada, o mais que puder. Felizmente lembrei-me de um velho projeto, que me atrai muito, o de tornar as obras-primas da poesia grega (que eu amo com paixão) acessíveis às massas populares. [...]

Comecei por *Antígona*. Se fui bem sucedida em meu desígnio, isso pode interessar e tocar a todos: desde o diretor até o último ajudante; e este deve poder penetrar na tragédia quase no mesmo nível que os outros, sem, no entanto, ter nunca a impressão de nenhuma condescendência, de nenhum esforço feito para que nos coloquemos a seu alcance. (WEIL, *CO*, 1996, p. 371 – 372).

Apesar de não encontrarmos em nenhum de seus escritos maldizeres sobre a vocação intelectual – a qual ela aceitou sempre de bom grado – Simone Weil admite que tem responsabilidades com as quais precisa arcar, pois uma cultura intelectual como a que ela tem não admite a cegueira em relação àqueles que estão à margem da sociedade e, por isso, ela escreve ao diretor da fábrica onde está atualmente empregada solicitando um espaço para instruir os operários com as poesias gregas, numa tentativa de tornar acessível às suas mentes esgotadas e suas almas dobradas pelo trabalho brutal que eles exercem um pouco de um saber que irá tocá-los. Desta forma, vemos que o ato de escrever uma carta como essa para um superior nos mostra com muita clareza o esforço que a nossa filósofa faz para exercer a responsabilidade terrível que lhe pesa pelo simples fato de ter um privilégio, sua vocação intelectual, trazendo à tona uma obrigação para com o ser humano e o caráter essencial das necessidades da alma humana, como esperamos mostrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO II: AS NECESSIDADES DA ALMA COMO DEVERES PARA COM O SER HUMANO

Assim como fizeram Platão⁶ e Christine de Pizan⁷, Simone Weil desenvolve em sua obra intitulada *O Enraizamento*, um esboço do que seria a seus olhos uma sociedade ideal tendo como principal ponto de ancoramento a total satisfação do que ela chama de necessidades da alma. Na primeira parte de sua obra, ela se dedica a uma explicação do que são as necessidades da alma e, por consequência, como usá-las para impedir que bons governos se movimentem às cegas. Dito isto, este capítulo será dividido em dois momentos, a saber: o que são as necessidades da alma? E quais são essas necessidades apontadas por Simone Weil?

2.1 O ser humano e a obrigação eterna

Em nossa sociedade somos ensinados desde a nossa infância que sendo seres humanos racionais todos temos direitos e deveres. Mas para a filósofa francesa Simone Weil, tal afirmação não tem sentido, pois obrigações (deveres) e direitos não são senão dois lados de um mesmo ponto de vista uma vez que sua relação só existe quando há a interação sujeito/objeto. Para a pensador francesa, “Um direito não é eficaz por si próprio, mas somente pela obrigação à qual corresponde; a realização efetiva de um direito provém não daquele que o possui, mas dos outros homens que se reconhecem obrigados a alguma coisa para com ele.” (WEIL, *E*, 2001, p. 7)⁸ Logo, para ela, a noção de obrigação ultrapassa a de direito, pois este tem para com o outro uma relação de subordinação visto que o direito só é válido por causa da obrigação que os outros homens tem, sendo assim uma obrigação que não é reconhecida não perde nada de sua essência ainda que não seja eficaz, já um direito que não é reconhecido perde sua força e deixa de ser grande coisa.

Sendo direitos e deveres lados de uma mesma visão, consideremos então um homem com esse ponto de vista. De onde esse ser olha a sociedade, ele tem apenas deveres e isso inclui aqueles que ele tem consigo próprio, enquanto que os outros homens têm apenas direitos – que provêm das obrigações que ele tem para com o outro. Considerando o ponto de vista de outro homem, aquele primeiro tem apenas direitos. Sendo assim, se existisse apenas um homem, ele

⁶ Platão escreve *A República*, defendendo a ideia de uma cidade onde todos teriam direito à educação filosófica em algum grau e seria governada pelo rei filósofo, estando no centro dessa cidade a ideia de justiça.

⁷ Christine de Pizan, em plena Idade Média, idealiza em seu livro *A Cidade das Damas*, uma cidade construída por mulheres e para mulheres, desde suas fundações de pedra até suas mais diversas funções, pensando também em termos de justiça.

⁸ A partir daqui todos os trechos citados que se encontrarem neste livro serão identificados pela inicial *E* (*L'enracinement*) título original da obra.

não teria direitos, pois a relação sujeito/objeto não existiria, mais ainda teria obrigações – não aquelas para com o outro, mas aquelas para consigo mesmo.

A noção de direito usada por Simone Weil não se separa da noção de existência e principalmente de realidade, pois é uma noção que aparece quando a obrigação desce ao nível da realidade, dos fatos. Por consequência, tal noção está sujeita às situações particulares e ao desencadear dos fatos. Diferente da obrigação que é incondicionada, os direitos sempre estarão vinculados a certas condições.

Com a relação sujeito/objeto seria fácil confundir toda a dinâmica obrigações/direitos como sendo de humano para sociedade (ou como chama Simone Weil, coletividade), mas nossa pensadora afirma que não é à coletividade que as obrigações, e consequentemente os direitos estão vinculados – embora se precise dela para tais noções – pois as obrigações não se vinculam a uma cidade, por exemplo, ou a uma empresa, mas sim àqueles homens que servem, comandam e se relacionam dentro da coletividade. Nas coletividades temos obrigações idênticas para todos os humanos que nelas vivem e que delas compartilham, porém tais obrigações podem sofrer “mutações” de acordo com as situações em que estão inseridas. De acordo com Weil, mesmo com situações diferentes, essas obrigações não devem e não podem ser abandonadas sem se tornar um ato criminoso a menos que em algum momento se choquem com outra obrigação incompatível e o homem precise escolher uma e descartar outra. Quanto mais situações idênticas a essa em uma coletividade, mais imperfeita comprova-se que ela é. Em sua obra intitulada *O Enraizamento* Simone Weil escreve:

O objeto da obrigação, na área das coisas humanas, é sempre o ser humano como tal. Há obrigação para com todo ser humano, pelo simples fato de ele ser um ser humano, sem que nenhuma outra condição precise intervir, mesmo que ele não reconhecesse nenhuma. (WEIL, E, 2001, p. 9).

As obrigações existem para o humano pela simples condição de existência como ser humano, não é necessária nenhuma outra condição e mesmo que algum homem não reconheça sua humanidade⁹ o outro terá que observar tais obrigações para com ele, caso isso não seja feito esse outro comete crime. Essa obrigação para com o ser humano não está sujeita a situações ou costumes, ou mesmo convenções, pois nenhuma dessas situações tem força suficiente para criar uma obrigação com toda uma espécie complexa como é a humana. A obrigação para com o ser humano é muito maior que isso, é eterna, está ligada ao destino eterno do ser humano, é incondicionada e sem fundamento algum pertencente ao nosso mundo, sendo então a única coisa referente a humanidade que não é submetida a nenhuma condição.

⁹ Como é o caso de um ser humano atingido pela *malheur* como veremos no último capítulo.

Estando envolta em tal situação, a obrigação para com a humanidade poderia ser facilmente desmerecida ou desvalidada, porém, para a nossa filósofa, essa obrigação é expressa pelos textos escritos mais antigos que temos acesso, além de ser compartilhada e aceita pela consciência coletiva de nossa espécie – exceto em casos particulares em que há uma tentativa de desmonte por motivos de interesses ou paixões individuais.

A nossa obrigação eterna está ligada ao destino eterno do ser humano, mas esse destino não pode se tornar objeto da obrigação, pois este não está subordinado ou mesmo sujeito à qualquer ação de âmbito exterior. Por ser o ser humano possuidor de um destino eterno, isto implica a ele uma obrigação primordial, a saber, o respeito, não permitindo, dentre outras coisas, que alguém passe fome. Neste sentido, Simone Weil escreve:

A consciência humana jamais variou sobre esse ponto. Há milhares de anos, os egípcios pensavam que uma alma não pode ser justificada após a morte se não puder dizer: “Não deixei ninguém passar fome.” Todos os cristãos sabem que se expõem a ouvir um dia, o próprio Cristo lhes dizer: “Tive fome e não me destes de comer.” Todo o mundo imagina o progresso como sendo inicialmente a passagem a um estado da sociedade humana em que as pessoas não passarão fome. Se se fizer a pergunta em termos gerais a qualquer pessoa, ninguém pensa que um homem seja inocente se, tendo comida em abundância e encontrando à porta alguém quase morto de fome, ele passar sem lhe dar nada. (WEIL, *E*, 2001, p. 10).

A obrigação derivada do destino eterno precisa ser cumprida expressando o respeito de forma prática, ou seja, cuidando dos seres humanos, cuidando de suas necessidades terrenas. Sendo assim, do ponto de vista da ética weiliana, alimentar aqueles que necessitam é uma obrigação eterna e é considerado um crime deixar que um ser humano passe fome quando se pode vir em seu auxílio. Sendo esta a obrigação mais básica, serve de modelo e medida para o reconhecimento de outras obrigações para com o ser humano tão vitais quanto ela própria. E é tendo a fome como analogia que Simone Weil compõe uma lista das necessidades humanas não físicas vitais, chamadas por ela de necessidades da alma¹⁰.

É, portanto, considerado obrigação eterna o cuidado e auxílio para com aqueles que necessitam, mas não se resume a saciar apenas necessidades físicas como a fome, o abrigo, a proteção contra a violência, higiene, cuidados com a saúde e coisas semelhantes, é preciso também saciar necessidades que “[...] não têm relação com a vida física, mas com a vida moral.” (WEIL, *E*, 2001, p. 11) Destarte, as necessidades referentes à vida moral são, assim como as físicas, necessidades da vida na terra, porém, diferentes das primeiras, essas têm uma relação

¹⁰ Em *O Enraizamento* essas necessidades são: ordem, liberdade, obediência, responsabilidade, igualdade, hierarquia, honra, castigo, liberdade de opinião, segurança, risco, propriedade privada, propriedade coletiva e verdade. Todas estas necessidades compõem a primeira parte do livro ora analisada.

direta com nosso intelecto, pois são necessidades que se não forem saciadas podem mandar o ser humano aos poucos para um estado semelhante ao vegetativo, análogo à morte.

Para nossa filósofa, a alma humana precisa ser alimentada e essas necessidades não físicas são as que precisam ser saciadas para que a alma permaneça em um estado saudável, pois é de conhecimento amplo que existem sofrimentos que atingem a alma sem necessariamente atingir o corpo. Em um contexto de guerra, por exemplo, a retirada abrupta do homem de seu país de origem ou de sua família o atinge tão forte quanto a fome ou o frio e ainda assim não são considerados males físicos, mas é inegável o reconhecimento de tais atos como formas de crueldade existentes que podem lançá-lo em um estado de total submissão ou num desespero profundo.

Tudo aquilo pertencente às coisas humanas e que, conseqüentemente interage com os seres humanos, seja direta ou indiretamente acaba por derivar das necessidades vitais do homem e sendo assim merecem respeito, sejam elas uma plantação para alimento de uma família ou uma coletividade que alimenta a alma de muitos homens. “Deve-se respeito a um campo de trigo, não por ele mesmo, mas porque é alimento para os homens.” (WEIL, *E*, 2001, p. 11) Esse respeito para com os objetos da obrigação é o que molda as atitudes diferentes a depender da situação em que se inserem, mesmo que a obrigação seja a mesma para todos.

As coletividades têm um papel importante na sustentação da alma humana pois alimenta não uma, mas várias almas de uma vez. Mas, esse não é o único motivo pelo qual Simone Weil defende um nível elevado de respeito para com as coletividades já que, antes de tudo, elas são únicas e a destruição de uma delas é irreversível e insubstituível, como ela afirma: “Primeiro, cada uma é única, e, se for destruída, não será substituída. Um saco de trigo pode sempre substituir outro saco de trigo. O alimento que uma coletividade fornece à alma dos seus membros não tem equivalente no universo inteiro.” (WEIL, *E*, 2001, p. 12) Exemplos de coletividades notórias destruídas são os Incas¹¹ na América do Sul, os Maias¹² e Astecas¹³ na

¹¹ Os Incas foram uma civilização pré-colombiana que desenvolveu seu Império na região andina estendendo-se ao que hoje corresponde a parte da Colômbia e até o norte do Chile e da Argentina. Os Incas eram uma civilização complexa que tinham como um feito notável seu sistema de estradas. Seu desaparecimento deu-se a partir da conquista pelos espanhóis no século XVI.

¹² Os Maias foram uma civilização pré-colombiana da América Central que habitou a Mesoamérica (território que hoje compreende o México, Guatemala, Belize, Honduras, El Salvador etc.) muito conhecidos por seu avançado conhecimento de astronomia e matemática, e também por suas cidades-estado e o politeísmo que exigia sacrifícios humanos. Não se sabe o que iniciou a decadência dos Maias, mas os historiadores apontam um esvaziamento das cidades possivelmente causada pela falta de alimento, doenças e desastres naturais.

¹³ Assim como os Incas e os Maias, os Astecas eram uma das grandes civilizações pré-colombianas. Sendo a principal civilização Mesoamericana, os Astecas ficaram conhecidos por sua rica cultura, sua sociedade hierarquizada e seu panteão politeísta que exigia sacrifícios humanos. Sua principal cidade – Tenochtitlán – esteve instalada onde hoje está a Cidade do México. Seu declínio teve início com a conquista pelos espanhóis em 1521.

América Central e os Vikings¹⁴ na Europa. Coletividades extintas que acadêmicos dedicam sua vida até nos dias atuais e das quais nenhuma outra civilização semelhante pôde substituir.

Um segundo motivo pelo qual se deve respeito à coletividade é a sua duração. De acordo com Simone Weil, elas penetram no futuro, ou seja, elas fornecem alimento para a alma dos vivos, mas também para a alma daqueles que ainda não nasceram, seja por meio da total imersão na coletividade ou nos resquícios que ela deixa nos indivíduos. Deste modo, a coletividade se encontra ancorada no passado, e por isso age como um mecanismo de conservação “[...] para os tesouros espirituais reunidos pelos mortos, o único órgão de transmissão por intermédio do qual os mortos possam falar com os vivos.” (WEIL, *E*, 2001, p. 12)

Por esses motivos é necessário dar assistência a uma coletividade em perigo. Porém, esse auxílio nunca deve deixar que ela fique acima do ser humano. Podem-se fazer sacrifícios para manter uma coletividade, mas nunca algo que venha a prejudicar um ser humano. Quer dizer, da mesma forma que estender a mão a um necessitado não faz daquele que ajuda um ser superior àquele que é ajudado. A coletividade para Weil nunca é superior ao ser humano. O papel da coletividade é alimentar a alma dos homens, mas não é raro que o contrário aconteça, e quando isso acontece a alma é esvaziada, ou como a própria Simone Weil fala, essas coletividades “comem as almas.” (WEIL, *E*, 2001, p. 12) Nestes casos surgem as doenças sociais e aí é necessário tentar tratar os problemas que desencadeiam esse curso às avessas. Existem também as coletividades que fornecem alimento insuficiente e precisam ser melhoradas. Apenas em um caso é preciso tomar uma atitude negativa, tal comportamento só pode ser usado mediante a situação em que a coletividade está morta, ou seja, não devoram almas, mas também não alimentam, e é apenas nessas circunstâncias que uma coletividade deve ser aniquilada.

Para evitar tais coletividades problemáticas ou até mesmo a extinção de algumas delas é preciso, de acordo com Simone Weil, fazer estudos que definam quais são as necessidades vitais para o ser humano, sendo elas as vitais para a alma e as vitais para o corpo. É de extrema importância enumerá-las e defini-las. Para Weil, um trabalho fácil quando se trata das necessidades corpóreas, porém difícil quando se trata das necessidades da alma, pois podem confundir-se mais facilmente com desejos, caprichos, fantasias, vícios e até mesmo venenos que por vezes podem se passar por alimentos da alma.

¹⁴ Os Vikings foram uma civilização escandinava que ficou famosa entre os séculos VIII e XI e tinham como atividades principais a agricultura e a guerra; em suas invasões pela costa europeia eram conhecidos por sua força, determinação e maneira de vestir próprias, o que lhes garantiram uma vasta mitologia. Com a chegada da Idade Média começa o processo de cristianização do povo europeu e conseqüentemente dos territórios dominados por esse povo, ocorrendo assim a gradual dissolução dos vikings.

2.2 As necessidades vitais da alma

Como foi dito anteriormente, as necessidades vitais do ser humano subdividem-se em dois tipos: as necessidades físicas que podem ser reconhecidas com maior facilidade como a fome, a moradia e a proteção contra violência; e as necessidades não físicas, ou seja, sem ligação direta com o corpo e por isso mais difíceis de serem reconhecidas. Essas necessidades são referentes à vida moral do ser humano responsáveis por alimentar a alma e impedir que ela defina. Nossa filósofa francesa em sua obra define uma lista dessas necessidades não físicas. Apresentaremos aqui algumas delas.

A primeira dessas necessidades vitais é a ordem. Simone Weil entende a ordem como sendo uma trama de relações existentes dentro da sociedade que regula as situações para que não seja necessário violar obrigações em detrimento da realização de outras obrigações. A ordem é de suma importância pois impede, por exemplo, que a alma sofra uma violência espiritual¹⁵ causada por circunstâncias externas a ela. Um ser humano pode ser ferido no corpo se é impedido de realizar uma obrigação por ameaças de morte ou de sofrimento, mas uma alma que é impedida de cumprir uma obrigação em detrimento de uma outra não pode se defender e é ferido em seu amor pelo bem, o que pode causar diversas consequências, desde a culpa até um estado de profundo sofrimento.

A ordem não pode ser vista isolada do ser humano, pois ele próprio não só faz parte dela como tem um lugar permanente e inegável em sua trama de relações, mesmo que haja um nível muito alto de incompatibilidade das obrigações nas sociedades. Com relação a isso, Weil afirma que “Todo aquele que age de maneira a aumentar essa incompatibilidade é um causador da desordem. Todo aquele que age de maneira a diminuí-la é um fator de ordem. Todo aquele que, para simplificar os problemas, nega certas obrigações, conclui em seu coração uma aliança com o crime.” (WEIL, *E*, 2001, p. 14)

O alto nível de incompatibilidades entre obrigações é preocupante para a ordem pois não se tem um método para diminuí-las. Essa situação pode se agravar ainda mais já que muito pode ser modificado e adaptado quando o dever sai do campo acima de todas as condições e desce ao campo dos fatos onde está sujeito a uma imensidade de relações dependentes e independentes que podem se chocar a qualquer momento aumentando ainda mais o grau de

¹⁵ Em seu texto, Simone Weil afirma que o ser humano tem, intrínseco a si, o desejo do bem. É esse desejo que nos permite apreciar a beleza e a ordem do mundo, bem como o reconhecimento do ser humano como ser humano e, conseqüentemente, a observação da obrigação eterna já citada. Sendo assim, a violência espiritual é a agressão a esse desejo pelo bem que pode ocorrer, por exemplo, quando alguém precise escolher entre duas obrigações igualmente importantes, causando muitas vezes tristeza e culpa.

incompatibilidades. Para a pensadora francesa o dever se coloca a favor de tantas circunstâncias e relações que as incompatibilidades se tornam mais prováveis que a compatibilidade, fazendo com que a ideia de ordem onde todas as obrigações devem ser compatíveis, pareça apenas ficção.

Em sua obra, Simone Weil afirma que a ordem é a primeira necessidade, pois está acima das outras necessidades. A ordem aplicada às outras necessidades consiste no equilíbrio do meio-termo, pois elas precisam se dispor em pares de contrários para que haja um equilíbrio rígido limitando-as a fim de impedir que uma satisfaça-se mais que seu par contrário. Sobre esse equilíbrio nossa filósofa escreve: “Um avaro nunca tem ouro suficiente, mas para todo homem, se lhe derem pão à vontade, haverá um momento em que terá o suficiente. O alimento traz a saciedade. Acontece o mesmo aos alimentos da alma.” (WEIL, *E*, 2001, p. 15 – 16)

Em seguida, Simone Weil nos apresenta a liberdade. Diferentemente da concepção leiga de liberdade que em seu conceito abarca a possibilidade de fazer qualquer ato ou escolha sem o temor de consequências ou represálias, o conceito de liberdade apresentado pela nossa filósofa gira em torno da ideia da possibilidade real e consciente de escolhas, ou seja, nossas escolhas são limitadas pelas responsabilidades individuais e também por aquelas inerentes à coletividade.

Nesse conceito a liberdade continua limitada pelas regras sociais necessárias à ordem, limitando a escolha. Mas não é certo dizer que por isso a liberdade se torna maior ou menor, pois seus limites para a plenitude não são tão facilmente mensuráveis como seria, por exemplo, dizer que aquele homem tem mais ou menos pão que o seu vizinho. É preciso que as regras sejam simples e razoáveis para que os homens sujeitos a elas possam assimilar sua utilidade e a que necessidades do âmbito físico elas correspondem. É preciso também que sejam estáveis e pouco numerosas para que possam ser usadas quando decisões precisarem ser tomadas tendo-as como base.

Seguindo essas condições, a coletividade permite que as regras sejam interiorizadas pelos homens de boa vontade e por mais que a liberdade no campo dos fatos seja limitada, ela não será assim na consciência desses mesmos homens, fazendo com que eles não sintam a necessidade de rechaçar pensamentos proibidos, pois estes não lhes vêm. Já não pode ser dito o mesmo daqueles que carecem de boa vontade. Para esses as regras nunca serão compatíveis com a liberdade. O equilíbrio entre ordem e liberdade se torna uma prisão para estes enquanto para os outros é perfeitamente natural.

Tal equilíbrio deve ter em vista acima de tudo a utilidade coletiva, ou seja, não deve-se ter liberdade de escolha em nível de colocar toda uma coletividade em risco, pois assim aqueles

sujeitos a tais escolhas podem acabar se refugiando na irresponsabilidade e na indiferença, dando-lhes a falsa certeza de que desfrutam da liberdade e se não a desfrutam pensam que a liberdade não é um bem.

Uma outra necessidade apontada na obra é a igualdade. Para a filósofa francesa, a igualdade é definida como o “[...] reconhecimento público, geral, efetivo, expresso realmente pelas instituições e costumes, de que a mesma quantidade de respeito e de atenções é devida a todo ser humano, porque o respeito é devido ao ser humano como tal e não tem graus.” (WEIL, *E*, 2001, p. 19 – 20) Ou seja, a igualdade vem da condição de ser humano como ser humano fundamentalmente já abordada por Simone Weil, como procuramos mostrar no capítulo anterior, e é por essa condição que diferenças entre homens jamais devem ser acentuadas ao ponto de fazer uso delas para discriminar e humilhar quem quer que seja. Ainda assim é inegável que existem diferenças entre homens e por isso é preciso se ater a um equilíbrio entre elas. Em seu texto, Simone Weil afirma:

A igualdade é tanto maior quanto as diferentes condições humanas são vistas como sendo, não mais ou menos um do que outra, mas simplesmente outras. Que a profissão de mineiro e a de ministro sejam simplesmente duas vocações diferentes, como as de poeta e matemático. (WEIL, *E*, 2001, p. 22).

Esse equilíbrio pode se dar pela igualdade de possibilidades, ou seja, dar a todos as mesmas possibilidades independentemente de condições – sejam elas mutáveis como a condição financeira ou imutáveis como o país de origem ou a cor da pele. Dar possibilidades como entregar uma função para alguém capaz de exercê-la ou disseminar igualmente a educação no intuito de impedir que alguém deixe de desenvolver uma capacidade são caminhos a serem tomados para alcançar esse equilíbrio.

É necessário tomar cuidado para que essas condições para o equilíbrio desejado não sejam consideradas individualmente pois podem acabar tendo o efeito oposto ao esperado como por exemplo, um homem ter consciência de que não está apto para determinada tarefa e tem consciência de que os outros sabem disso; pode sobrevir a esse homem uma angústia ou até mesmo impulsioná-lo para o crime. Por isso o esforço para o equilíbrio deve ser coletivo. Sobre isso, Simone Weil escreve:

Pois cria-se assim, inevitavelmente, na vida social, algo como uma bomba aspirando para o alto. Daí resulta uma doença social se um movimento descendente não vier equilibrar o movimento ascendente. Na medida em que é realmente possível que uma criança, filha de empregado de sítio, seja um dia ministro, nessa medida deve ser realmente possível que uma criança, filha de ministro, seja um dia empregada de sítio. (WEIL, *E*, 2001, p. 20).

Mas, como sabemos, é quase impossível um filho de um ministro chegar a ser empregado de sítio. Logo, Simone Weil nos alerta sobre o estrago que esse movimento ascendente, que se continua sem limites pode acabar por decompor uma sociedade de modo gradual.

Por isso, a pensadora francesa nos apresenta duas maneiras de evitar tal decomposição, a primeira delas é a proporção, ou seja, a combinação de igualdade e desigualdade. Ela acredita na efetividade de uma distribuição de encargos referentes ao poder que um homem possui, e da mesma forma riscos correspondentes a esse encargo em caso de incapacidade ou negligência, isto é, um patrão em caso de incapacidade ou negligência para com seus operários deve ter uma punição maior do que a dada a um operário não especializado em falta com seu patrão, o que requer uma organização dos riscos e apoio das leis. Tal sistema se aplicaria com ainda mais rigor em casos de pessoas que ocupassem cargos públicos de alta estirpe.

A segunda maneira sugerida por Simone Weil seria anular as diferenças quantitativas o máximo possível. Para ela, ao fazer do dinheiro a medida quase soberana para quase todas as situações impôs-se aí uma desigualdade que pode ser superada, mas que nem por isso é fácil de ser deixada para trás.

Em contraponto à igualdade temos a necessidade vital da hierarquia. Ela se firma no ímpeto humano de venerar, se devotar aos superiores, vendo-os não como pessoas, e sim como símbolos. É vital compreender que aquilo de que são símbolos é imprescindivelmente mais importante e encontra-se acima dos homens para que não ocorra ocasiões onde esquece-se aquilo que é representado e se passa a pôr o símbolo acima de todos os outros homens e relações sociais as quais todos estão sujeitos.

Para que haja uma hierarquia, que não se torne algo análoga à escravidão, é preciso que os superiores que desempenham o papel de símbolos saibam e tenham consciência de que a função que exercem é o único objeto legítimo do devotamento, não eles próprios como pessoas. Caso ocorra dessa forma temos uma hierarquia verdadeira cumprindo seu papel de situar moralmente cada pessoa em seu espaço.

As necessidades da alma humana não se restringem ao indivíduo em sua coletividade com suas relações sociais, elas se estendem também para o âmbito do material em relação com o indivíduo. É o caso da necessidade de propriedade privada. Para Simone Weil, o homem sente a necessidade de conviver com objetos que seriam como extensões de seu próprio corpo, é a partir da convivência e da utilização que a mente se apropria de tais objetos e os vê como seus. “Assim, um jardineiro, ao fim de certo tempo, sente que o jardim é dele.” (WEIL, *E*, 2001, p. 36) E assim como acontece com sua propriedade jurídica, se vê na obrigação de proteger

aqueles objetos. Por exemplo, um estudioso que frequenta a biblioteca de sua instituição educacional com regularidade a ponto de vê-la como sua, tentará defender os livros ali à disposição ao ver alguém com atitudes que possam danificá-los. Mas, se esse sentimento de apropriação é incompatível com a propriedade jurídica, pode causar no indivíduo dor por meio da separação, como o jardineiro que é obrigado a deixar de trabalhar no jardim ou o estudioso que não pode mais frequentar a biblioteca.

No conceito de propriedade privada apresentado pela filósofa francesa, as modalidades desta necessidade são sujeitas a variações, mas para ela é desejável que a maioria das pessoas tenha sua moradia e que disponha de um pouco de terra ao redor, bem como seus próprios instrumentos de trabalho quando for possível. Sobre isso, Simone Weil escreve:

O princípio de propriedade privada é violado no caso de uma terra trabalhada por trabalhadores agrícolas e empregados de sítio sob as ordens de um capataz, e possuída por cidadãos que recebem a renda. Pois, de todos aqueles que tem relação com essa terra, não há ninguém que de uma maneira ou de outra, não lhe seja estranho. Ela é desperdiçada, não do ponto de vista do trigo, e sim do ponto de vista da satisfação que poderia fornecer à necessidade de propriedade. (WEIL, *E*, 2001, p. 37).

Em casos extremos, uma configuração de trabalho como a descrita por nossa filósofa pode causar bem mais que apenas um desperdício para o que poderia ser a satisfação dessa necessidade da alma. Em casos como esse, o desenraizamento camponês pode se desenvolver, causando a total estranheza do trabalhador com a terra trabalhada (falaremos mais especificamente do desenraizamento camponês no próximo capítulo).

Em contrário à propriedade privada temos a necessidade de propriedade coletiva. Diferentemente da anterior, essa necessidade não está arraigada ao material, mas em seu todo num sentimento de propriedade. Esse sentimento deriva do que Simone Weil chama de vida cívica (WEIL, *E*, 2001, p. 37) que permite aos indivíduos se sentirem proprietários de jardins, monumentos públicos e até do luxo de cerimônias, sendo um sentimento igualitário para todos, independente de status econômico. A responsabilidade pela satisfação dessa necessidade não se limita apenas ao Estado, mas se estende a todas as coletividades.

Do ponto de vista das necessidades de propriedade, uma fábrica não pode despertar a satisfação e caracteriza assim um desperdício, pois nem os funcionários e nem os proprietários se envolvem com ela o suficiente para despertar uma centelha de satisfação. Sendo assim, cai por terra a máxima disseminada entre os pobres de que dinheiro e propriedade – ou mais precisamente a satisfação que vem dela – estão intrinsecamente ligados, o erro dessa máxima decorre unicamente do sistema que tem no dinheiro o centro de todos os processos de troca e aquisição.

Simone Weil afirma que o verdadeiro critério de propriedade não é o dinheiro, mas sim a sua legitimidade, ou seja, o aproveitamento da propriedade para a saciedade das necessidades de propriedade privada e coletiva inerente a todos os homens. Sendo assim, o sistema de aquisição que utilizamos deve ser transformado para abarcar o princípio de propriedade, ou seja, se uma forma de posse não satisfaz a necessidade de propriedade, esta pode ser considerada nula e para que não seja descartada ou entregue ao Estado é preciso mudá-la até que atinja o seu local de pertencimento como propriedade verdadeira.

Parece-nos que diante de sua realidade (exilada no Reino Unido e desejosa de retornar à França e lutar contra o avanço alemão), Simone Weil sente a necessidade de compreender aquilo a que foi acometida com sua retirada brusca de sua nação e, por isso, ela empenha-se em problematizar o que faz de uma sociedade – coletividade – passível de força tamanha capaz de lançar o homem a um estado análogo à morte em caso de sua completa ausência. Mas era de se esperar que nossa filósofa fosse além, pensando também como esse estado poderia ser alcançado mesmo sem a saída do homem de sua coletividade. Desta forma, vemos que Simone Weil preocupa-se com a veracidade daquilo que escreve e por isso mergulha num estudo pautado na relação sujeito/objeto que se torna válido desde que haja seres humanos inseridos numa coletividade.

Assim, para ela, é de suma importância a compreensão de ser humano como ser humano e não apenas como “outro” para que haja o respeito necessário para o funcionamento da relação direitos/obrigações, possibilitando, deste modo, uma aceitação do que Simone Weil chama de obrigação eterna do ser humano, que nada mais é do que o respeito.

Este respeito, por sua vez, vem se manifestando desde que os seres humanos convivem uns com os outros na forma de atitudes concretas em favor das suas necessidades terrestres, que se dividem, como mostramos, em físicas e não-físicas. Fome, moradia e segurança são exemplos de necessidades físicas, e às necessidades não-físicas que nossa pensadora dá o nome de Necessidades da Alma.

No livro em apreço, *O enraizamento*, a filósofa francesa nos apresenta quatorze necessidades não-físicas¹⁶ tão importantes quanto a fome. Destas, apresentamos seis e a elas retornamos agora com o intuito de concluir este capítulo. A ordem, que se aplica diretamente na coletividade com o intuito de regular as interações sociais de forma que impeça que haja a necessidade de violar uma obrigação em detrimento de outra. A liberdade, que consiste na possibilidade consciente de escolhas, ou seja, embora as escolhas sejam limitadas factualmente,

¹⁶ São elas: a ordem, a liberdade, a obediência, a responsabilidade, a igualdade, a hierarquia, a honra, o castigo, a liberdade de opinião, a segurança, o risco, a propriedade privada, a propriedade coletiva e a verdade.

elas são ilimitadas na consciência daqueles de boa vontade. A igualdade, que garante que independente de fatores mutáveis ou imutáveis – como local de nascimento, cor ou poder aquisitivo – deve-se haver um equilíbrio entre as diferenças. A hierarquia que se ocupa da necessidade de símbolos de veneração própria do ser humano, facilitando a compreensão moral dos indivíduos nos seus espaços. A propriedade privada que nada mais é que a necessidade que o ser humano tem de ver como extensão de seu corpo aquilo do que ele sempre se cercou, ou seja, de cultivar um sentimento de apropriação do seu instrumento de sobrevivência. E por fim a propriedade coletiva que é o sentimento de apropriação com um cunho mais cívico, ou seja, este sentimento está direcionado para monumentos, jardins e outros objetos e experiências pertencentes à sociedade como um todo.

Essas necessidades da alma precisam ser satisfeitas em equilíbrio e em concordância com a coletividade na qual o ser humano se insere, pois caso isso não ocorra, o ser humano pode entrar num processo de desenraizamento, ou seja, desconhecimento de tudo aquilo que lhe devia ser familiar, o que pode levar a um estado análogo à morte, tema que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO III: O DESENRAIZAMENTO E O *MALHEUR*

Existe, tanto na sociedade tomada pela guerra experienciada por Simone Weil, como na nossa sociedade atual, uma condição que chega mais facilmente a indivíduos inseridos em certos âmbitos sociais mais atingidos pela opressão provocando a degradação, a coisificação e muitas vezes levando a um profundo sofrimento ou a letargia. Contrário ao enraizamento que é de difícil definição, mas tão importante quanto as outras necessidades humanas, a filósofa francesa nos apresenta o conceito de desenraizamento que tem como única semelhança com o enraizamento a dificuldade de defini-lo. Neste capítulo abordaremos a doença do desenraizamento e suas três variações apontadas por nossa pensadora, bem como o conceito de *malheur* comumente traduzido por sofrimento – mas que vai bem além disso – como uma das consequências dessa doença que é o desenraizamento.

Simone Weil nos apresenta ao desenraizamento como uma doença social, ou seja, uma doença que atinge aqueles que estão inseridos em uma coletividade, mas não só “uma” e sim a mais perigosas delas, pois tem a habilidade de auto multiplicação visto que seres desenraizados tem a tendência de desenraizar outros. Assim como as necessidades não físicas do ser humano, o desenraizamento não age no corpo causando dores ou feridas, mas nem por isso deixa de afetar aqueles por ela atingidos. De acordo com a nossa filósofa existem três tipos de desenraizamento que atingem diferentes tipos de indivíduos, são eles o desenraizamento operário, o desenraizamento camponês e o desenraizamento associado à nação.

3.1 O Desenraizamento operário (uma doença social)

Em sua obra *O enraizamento* a filósofa francesa afirma que uma das causas de disseminação do desenraizamento é nada menos que o dinheiro, pois em sua ganância e desejo de ganhar, os indivíduos acabam deixando de lado as suas raízes. Existe uma outra causa daquela disseminação, mas por necessidade e não, necessariamente, por ganância, à qual uma classe social inteira está completamente presa ao dinheiro sendo, assim, passível de manipulação, é a dos assalariados. Esta realidade foi vivenciada pela própria Simone Weil por um ano (quando trabalhou como operária em várias fábricas) e chegou à conclusão de que dentre as três situações em que o desenraizamento se instaura é nessa onde ele o faz de forma mais aguda.

Para nossa filósofa, o passado e as tradições culturais se mostram de grande importância na manutenção do enraizamento, visto que, como defende o professor Emmaneul Gabellieri¹⁷ o enraizamento é “[...]a expressão de valor de cada cultura.” (GABELLIERI, 2009, p. 108) E é por isso que precisamos voltar ao Renascimento para compreender o quê – junto com o dinheiro – é um fator de desenraizamento para os operários. Iniciado o Renascimento no fim do Período Medieval, houve uma separação entre aqueles chamados cultos e a massa inculta, separando assim também a dita cultura das tradições nacionais e pondo em seu lugar a tradição grega. Algum tempo depois essa tradição grega foi esquecida, mas as relações com a tradições nacionais não foram recuperadas formando, assim, uma educação e uma cultura muito fragmentadas e pautadas na técnica e especialização do trabalho, criando algo à parte e muito propício ao olhar “estrangeiro” daquilo que lhes devia ser próprio. Feita esta exposição, a pensadora parisiense chega à conclusão de que a instrução concebida sem base no passado e ignorando as tradições se torna um fator de desenraizamento.

Essa consequência do afastamento radical entre indivíduo e cultura, aliada à grande importância que o dinheiro ganha na sociedade industrial, o desenraizamento se manifesta de duas formas distintas que podem ser vistas respectivamente na Alemanha e na França. A nação de proletários – como Hitler se referia aos alemães – mostrava que seu desenraizamento tomou a forma violenta levando a guerra a outras nações no intuito de também a desenraizarem, pois, como afirma Weil, “Quem é desenraizado desenraiza.” (WEIL, *E*, 2001, p. 47). Por sua vez, a França mergulhou num estado de inércia semelhante à morte, num sono em que a guerra iminente era um constante pesadelo.

Ambas as nações eram compostas por operários, ou seja, desenraizados. É preciso então voltar a enraizar esses operários e assim acabar com a condição proletária, porém, não se fará isso com ideias, ou com medidas para modificar a relação das indústrias com o mercado interior e exterior, a supressão da propriedade privada, a modificação dos poderes sindicais ou qualquer outra medida de cunho jurídico que possa ser tomada, pois o sofrimento do operário não está no plano jurídico, menos anda o remédio para esse sofrimento. Mas também não se deve buscar esse remédio nas reivindicações dos operários, pois estando eles completamente submersos na desgraça terão sempre em seus pensamentos e em sua imaginação as características do desenraizamento.

¹⁷ Professor e filósofo francês. Atualmente trabalhando na Universidade Católica de Lyon, Gabellieri dedicou grande parte de suas pesquisas e publicações ao pensamento de filósofos contemporâneos, e entre eles, o pensamento de Simone Weil.

Mesmo não sendo possível achar o remédio para o desenraizamento operário em suas reivindicações, elas não são inúteis, pois é as observando que se pode entender os sinais do sofrimento operário. Sobre isso, Simone Weil explica:

Ora, as reivindicações exprimem todas ou quase o sofrimento pelo desenraizamento. Se querem o controle da contratação e a nacionalização, é porque estão obcecados pelo medo do desenraizamento total, do desemprego. Se querem abolir a propriedade privada, é porque estão fartos de ser admitidos no lugar de trabalho como imigrantes que se deixam entrar de favor. (WEIL, *E*, 2001, p. 52).

O trabalhador é admitido na fábrica de forma semelhante ao imigrante admitido em uma nação estrangeira. É preciso que esse operário seja desenraizado antes pela instrução técnica para assim ser contratado para fábrica – nunca totalmente admitido – como uma peça substituível para o funcionamento da máquina, deve sentir-se agradecido por esse favor e demonstrar esse agradecimento dando seu sangue – muitas vezes no sentido literal da expressão – para o crescimento da fábrica.

É comum essa “coisificação” dos trabalhadores que, por sua vez, contribui para o surgimento de certa insensibilidade entre eles, afinal, no ambiente duro da fábrica, parar para ajudar outra pessoa pode custar preciosos minutos e isso significa perda de dinheiro. Mas mais do que esse comportamento entre os trabalhadores, a insensibilidade cresce a níveis muito maiores quando quem interage com os operários são os superiores, uma passagem que descreve muito bem essa relação dentro da fábrica pode ser encontrada na carta que escreve para Albertine Thévenon e que se encontra no seu livro *A Condição Operária*, como podemos ler:

A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, até mesmo inexecutável; ou então, dois chefes dando ordens contraditórias; não faz mal: calar-se e dobrar-se. Dirigir a palavra a um chefe (mesmo para algo indispensável) – é sempre, ainda que se trate de um “cara legal” (até os “caras legais” tem momentos de irritação), expor-se a uma bronca; e quando isso acontece, mais uma vez é preciso calar-se. (WEIL, *CO*, 1996, p. 80).

Como podemos ver na citação supra, desde o ritmo acelerado de trabalho até ordens dadas contribuem para reforçar a imagem do operário como uma simples engrenagem da máquina que existe apenas para trabalhar. Logo, todas as reivindicações dos operários carregam essa marca do sofrimento e é por isso que se pode extrair delas uma lista de suas dores. Dores essas que começam quando o adolescente de doze ou treze anos precisa sair da escola e ir para a fábrica, causando um choque ao se passar de um indivíduo com existência reconhecida para um ser quase que invisível com quem ninguém se incomoda. De acordo com Simone Weil, este primeiro choque deixa uma marca muito forte que pode impedir que o operário ame seu trabalho.

A nossa filósofa também aponta o problema das máquinas. Em seu contexto, se fala de uma reforma do regime de produção que precisa passar necessariamente pelas máquinas. Quando um engenheiro projeta uma máquina ele tem em mente o aumento dos lucros da empresa que encomendou o maquinário e de que aquela deve servir aos interesses dos consumidores, ou seja, produzir mais e mais barato. Mas não se pensa naqueles que irão operar essas máquinas, ou seja, como escreve Weil, “Nem mesmo se pensa que seja possível pensar nisso.” (WEIL, *E*, 2001, p. 55). Por este motivo, equipamentos de segurança são coisas escassas, pois não se pensa no bem-estar físico e moral do operário, muito menos se a nova máquina pode contribuir para o aumento do desemprego. Para Weil (se colocado no ponto de vista do operário), uma máquina ideal do ponto de vista daquele que a opera precisa atender a três requisitos: primeiro, não deve esgotar o corpo e nem rasgar ou mutilar sua carne, a não ser em casos muito extremos. Segundo, a máquina deve observar uma certa flexibilidade de acordo com as demandas de trabalho de forma que não acentue o perigo de desemprego, deve também permitir usos variados, dentre eles um que favoreça à alegria diminuindo o tédio e a monotonia causada pelo trabalho mecânico. E terceiro, a máquina deve corresponder a um trabalho de um profissional qualificado, o que ajuda no bem-estar moral dos empregados, pois transformaria a classe operária em uma classe repleta de operários qualificados, o que é o primeiro passo para sair do *status* de proletariado e tudo o que isso pode representar.

Para que essa questão com as máquinas seja resolvido é preciso apenas que os engenheiros se importem com o bem estar dos operários e ponham em termos técnicos o que foi apontado, mas para isso é preciso que as oficinas das novas máquinas não sejam completamente dominadas pelo capital e pela ideia quase possessiva de que o que está sendo fabricado deve aumentar o lucro das fábricas e é só isso que importa de fato.

De acordo com Simone Weil, um outro fator que contribui para o desenraizamento operário é a carência de instrução adequada, algo permitido apenas a patrões e donos de fábrica em sua maioria. Para ela, aqueles que ocupam o cargo de patrão não são capazes de suportar as exigências do sistema capitalista, acabando por prejudicar operários e o futuro da fábrica a longo prazo. Sobre isso, nossa filósofa afirma: “Eles acusavam de imprevidência um operário que tomava um aperitivo, mas sua sabedoria não ia até prever que, se não se formam aprendizes, ao fim de vinte anos não há mais operários, dignos ao menos desse nome. Aparentemente são incapazes de pensar mais de dois ou três anos para a frente.” (WEIL, *E*, 2001, p. 60 e 61) Um exemplo claro disso é a falta de profissionais qualificados, essa culpa recai nos patrões que não deram formações básicas adequadas aos seus operários, impedindo-os assim de participar de formações mais específicas ou elaboradas.

Ter seres desenraizados na fábrica poderia ser, do ponto de vista dos patrões, também uma vantagem, pois sua submissão é maior. Mas, à medida que a submissão é maior, é maior também sua revolta, e foi isso que eles provaram em 1936 com a revolta dos operários. Ainda assim, de acordo com a filósofa francesa, “Tiveram essa experiência, mas sem a compreender.” (WEIL, *E*, 2001, p. 61)

A carência de aprendizado também é algo menosprezado pelos sindicatos. Mesmo que estes não precisem se preocupar com o futuro da produção fabril, ainda assim deveriam ser atentos ao sofrimento daqueles operários, principalmente daqueles menos favorecidos – como as mulheres, os adolescentes e os imigrantes – mas, ao contrário disso, os sindicatos estavam muito mais preocupados em aumentar salários de categorias já bem pagas. Enquanto os sindicatos falham em socorrer os desgraçados, o Estado não é qualificado para tal, chegando à incapacidade a menos que seja obrigado a pôr uma necessidade urgente de dar auxílio a esses desgraçados – geralmente impulsionado pela opinião pública.

Sobre a educação da juventude operária, Simone Weil defende que vá muito além de apenas instruir adequadamente para o trabalho, abarcando também a educação escolar, porém, essa instrução da juventude operária não deve ser deixada nas mãos da escola que fragmenta e tira dela tudo de puro e verdadeiro, mas não pode ser deixada nas mãos da fábrica também. Sendo assim, seria preciso se empenhar em criar uma escola que combinasse o melhor da escola profissional, dos aprendizados da fábrica e dos canteiros de obras.

Essa formação deve incluir também a cultura intelectual, porém, essa cultura não é facilmente acessada pelo povo, mas não porque ela seja muito alta e sim pelo motivo contrário, onde ao tentar traduzi-la para o povo acaba sendo ainda mais reduzida e termina por ser oferecida às migalhas.

Existem três grandes obstáculos para um enriquecimento do que a filósofa francesa chama de cultura operária. A primeira delas é a falta de tempo e de forças, “O povo tem pouco lazer a consagrar a um esforço intelectual; e a fadiga põe um limite à intensidade do esforço.” (WEIL, *E*, 2001, p. 64) Porém, para Simone Weil esse obstáculo só tem de fato importância quando se dá a ele essa importância, pois a verdade tem um caráter qualitativo e não quantitativo. Sendo assim, se um operário em seus poucos momentos de folga consegue compreender verdadeiramente alguns teoremas de geometria, faz-se tão valioso quanto um estudante universitário cursando matemática avançada. Em uma de suas cartas, Simone Weil narra sua busca precoce pela Verdade e afirma:

[...] Depois de meses de meses de trevas interiores, tive de repente e para sempre a certeza de que qualquer ser humano, mesmo que suas faculdades mentais sejam quase nulas, pode penetrar nesse reino da verdade reservado ao gênio, se tão só ele a deseja

e faz perpetuamente um esforço de atenção para atingir. Converte-se, assim, ele próprio, num gênio, mesmo se, por falta de talento, a genialidade não pode ser visível ao exterior. (WEIL. *AD*, 2005, p. 57 – 58).

A verdade adquirida através do esforço de atenção do operário não é menos verdade do que aquela adquirida pelo universitário, não é menos pura, ambos têm as mesmas chances de alcançar este reino da verdade. O que pode impedir que os operários tentem é a ideia errônea de que tal cultura só pode ser adquirida quando se dispõe de tempo para debruçar-se sobre livros horas a fio, mas Simone Weil defende que coisas como fadiga, falta de tempo e dores físicas impedem apenas a aquisição de elementos muito inferiores da cultura, isso não se aplica aos bens mais preciosos dessa mesma cultura.

Um segundo obstáculo é que estando dentro da condição operária se vivencia particularidades íntimas dessa condição, dando ao que se encontra fora um certo ar de estrangeiro. Por isso, é preciso um esforço de tradução e não de vulgarização – que acontece quando se rebaixa a cultura, por exemplo. O que se deve ser feito é, ao invés de empobrecer a verdade já muito fragmentada, adequar a linguagem de forma que a torne sensível às sensibilidades moldadas pela condição operária.

Para expor uma verdade – que pode ser encontrada nas poesias gregas por exemplo – de forma que chegue até os operários, é preciso antes de tudo que a domine em sua completude, ou melhor dizendo, em sua nudez, para que assim, ao expô-la, seja possível colocar sobre ela a roupagem adequada e necessária para tocar aqueles que são alvo. Evidentemente, esta arte de traduzir ou traspor a verdade não é facilmente dominada e ainda tem seus métodos e méritos muito desconhecidos, principalmente entre os intelectuais. Alguns estudiosos e intelectuais podem acabar por alegar que traspor a verdade é modificá-la ao ponto que deixa de ser verdade, porém, Simone Weil discorda disso, pois de acordo com ela só se pode afirmar que algo é uma verdade quando se pode traduzir para outros pontos de vista, já que o pensamento humano funciona com três dimensões, não com apenas uma imutável. Enquanto aquilo que pode ser traduzido é verdade, aquilo que não muda quando se muda um ponto de vista é apenas uma ilusão. Em sua obra Simone Weil exemplifica:

Por exemplo, que intensidade de compreensão poderia nascer de um contato entre o povo e a poesia grega, que tem por objetivo quase único a desgraça! Somente seria preciso saber traduzi-la e apresentá-la. Por exemplo, um operário, que tem a angústia do desemprego metida até à medula dos ossos, compreenderia o estado de Filocteto quando se lhe tira o arco, e o desespero com que olha suas mãos impotentes. Compreenderia também que Electra tem fome, o que um burguês, exceto no período presente¹⁸, é absolutamente incapaz de compreender [...] (WEIL, *E*, 001, p. 67).

¹⁸ Aqui a filósofa refere-se ao período em que a França enfrenta a ocupação alemã durante o quarto ano da segunda guerra mundial.

Com este exemplo é inviável argumentar em favor da continuação da clausura da cultura em ambientes que não são acessíveis a todos com a desculpa equivocada de que o povo não é capaz de a compreender, quando na verdade tudo que se precisa é de um esforço de tradução.

Existe ainda um terceiro obstáculo à cultura operária, que nada mais é do que a escravidão, que afeta mais intensamente o pensamento. Em sua estadia nas fábricas na condição de operária, nossa filósofa, acostumada ao livre pensamento, experimentou o efeito da escravidão em sua própria carne:

O esgotamento acaba por me fazer esquecer os verdadeiros motivos de minha estada na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que esta vida inclui: a de não pensar mais, o único meio de não sofrer com ela. Só no sábado de tarde e no domingo é que minhas lembranças voltam – farrapos de ideias! –, que me lembro que sou *também* um ser pensante. Pavor que me domina quando constato a dependência em que me acho nas circunstâncias exteriores: bastaria que me obrigassem um dia a um trabalho em repouso semanal – o que, afinal de contas, sempre é possível – e eu me tornaria uma besta de carga dócil e resignada [...] (WEIL, *CO*, 1996, p. 96).

O pensamento é essencialmente livre, e um processo lento – às vezes difícil e que requer atenção – e por isso lhe é prejudicial fixar um limitador. Ora, ter essa liberdade durante poucas horas por dia e ser obrigado à escravidão no resto dele é uma imposição cruel e dolorosa, como ela afirma em *O enraizamento*. Sendo o trabalho da fábrica algo maquinal demais, dar vazão ao pensamento pode resultar no erro na fabricação de peças, causar acidentes, diminuir a produção e conseqüentemente o salário atribuído por peças e o reforço da condição de escravidão no feitiço de broncas e ordens difíceis de cumprir. Tudo isso nos faz compreender o que nossa filósofa tenta nos passar ao mencionar a grande tentação de não mais pensar quando se está submetido à vida operária, uma tentação que muitos operários “escolhem” ceder.

As circunstâncias para o surgimento do desenraizamento operário se seguiram a partir da separação dos cultos (os nobres da Idade Média) e a massa inculta (os camponeses). Desde esta separação, todos os fatores – tais como a perda da tradição nacional, a necessidade do dinheiro para sobreviver e a negligência para com a educação e instrução dos menos abastados – contribuíram para a criação de uma classe operária que compartilha de medos e receios análogos aos vivenciados pelos escravos. Sendo assim, é válido afirmar que a classe operária da qual Simone Weil fez parte viveu sim (e infelizmente ainda vive) uma forma moderna de escravidão – na definição de escravidão cunhada pela própria autora, onde ela diz que escravo é aquele que recebe por seu esforço e cansaço nada além do direito de existência¹⁹ – onde o medo do desemprego e da falta de subsídio para sobrevivência se tornou tão doloroso e

¹⁹ A frase acima citada refere-se ao trecho “O escravo é aquele a quem não se propõe como objetivo de suas fadigas nenhum bem, a não ser a simples existência.” contido em um dos fragmentos do texto *Mística do trabalho* de sua obra de cunho mais mística intitulada *A gravidade e a graça* (1993).

ameaçador quanto chicotadas. E não existem seres mais desenraizados do que escravos, que agem mecanicamente, tendo em vista unicamente sua sobrevivência. A situação é semelhante, os grilhões apenas mudaram e foram legalizados.

Existe um estado observado nos escravos que também pode aparecer nos operários, é um sentimento muito forte que contribui para a perpetuação da coisificação e do desenraizamento desses seres, um estado onde uma infelicidade extrema se abate sobre um ser de tal modo que este não será mais o de antes de ser atingido, mesmo que consiga superar esse sentimento. A isso, Simone Weil dá o nome de *Malheur*, comumente traduzido como infelicidade ou desgraça.

O *malheur* – que aqui traduziremos como infelicidade – vai muito além de uma simples tristeza. A infelicidade toma conta da alma do indivíduo e a marca de forma que ele não consegue conservar mais que metade dela. Associada, por vezes, à dor física, a infelicidade se instala na alma do indivíduo pela persistência da dor ou angústia contínua, levando aquele preso a ela a um estado semelhante a uma quase morte, o mesmo não acontece com dores passageiras como um ferimento que se cura em alguns dias ou uma dor de dente, que após tratada é esquecida. Sem dor corpórea persistente ou angústia contínua, o pensamento humano está livre para se voltar para outros objetos e questões, impedindo, assim, que a infelicidade tenha espaço para se instalar na alma.

Tal estado da alma é corroborado pela própria alma que aos poucos se degrada até tornar-se cúmplice da infelicidade, evitando sair do estado de inércia em que está mergulhada. De acordo com Simone Weil “Em todo aquele que tenha sido infeliz o tempo suficiente há uma cumplicidade com sua própria infelicidade. Esta cumplicidade trava todos os esforços que poderiam fazer para melhorar a sua sorte [...]” (WEIL, *AD*, 2005, p. 112) E tendo criado tal cumplicidade, a infelicidade acaba por impedir ou dificultar que aquele ser mergulhado em angústia aceite ajudas externas, fazendo com que sua personalidade seja minada, o homem passa a ser uma coisa. O que nos faz pensar quanto tempo um operário – que é escravo tanto no corpo quanto no pensamento – pode suportar antes de ser atingido pela infelicidade e ser coisificado.

Toda essa coisificação do humano nos faz pensar na frase que o professor Gilberto Safra afirma em um de seus artigos intitulados *Atenção e necessidades da alma* “Cada um de nós porta em seu ser a verdade de nosso tempo.” (SAFRA, 2009, p. 159). Então qual é a verdade levada dentro de seres socialmente arrancados da própria cultura de seu tempo, desenraizados em seu próprio meio de sobrevivência e atingidos pela infelicidade?

3.2 Desenraizamento camponês e seu esquecimento

A doença do desenraizamento não se restringe apenas ao seu nível mais avançado que atinge o operário de fábrica. Embora menos intenso e evoluído, o desenraizamento está presente também na vida do trabalhador do campo, algo também preocupante, pois vai contra aquilo intrínseco à natureza que é a ideia de que terra seja trabalhada, semeada e cultivada por seres desenraizados. Ainda assim, não se dá a devida atenção aos camponeses como se faz com os operários, causando assim, certa animosidade já que, por um lado, os operários são mais barulhentos e por vezes tem a errônea ideia de que quando se fala em “povo” refere-se apenas a eles, e por outro os camponeses estão sempre atormentados pelo pensamento de que são inferiores – principalmente em relação aos operários, mas não apenas eles – e esquecidos. Segundo Weil, para a classe camponesa, é aqui onde se inicia o seu processo de desenraizamento.

O sentimento de inferioridade dos camponeses é resultado de sua história, uma vez que sempre foram mais relegados ao esquecimento. Mesmo que um camponês tenha mais posses que um operário médio, aquele ainda se sentirá inferior a este, pois eles acreditam que tudo acontece nas cidades e, sendo assim, eles estão fora – excluídos – dos acontecimentos que “importam de verdade”. Tal sentimento acaba se agravando com a chegada de tecnologias majoritariamente predominantes nas grandes cidades, bem como as notícias dessas cidades que acabam se fazendo muito presentes nos vilarejos dos camponeses. Para a filósofa francesa “[...] é preciso primeiro inventar e aplicar alguma coisa que dê doravante aos camponeses o sentimento de que estão *in it*²⁰.” (WEIL, E, 2001, p. 75).

Vale lembrar que Simone Weil não viveu na era da tecnologia como nós que vivemos e vemos os smartphones com acesso à informação ilimitada na rede de internet, das mensagens instantâneas e da comunicação por vídeo na palma da mão. Logo, acaba sendo difícil mensurar se algo tão cotidiano como a tecnologia e a informação rápida ainda é uma causa do sentimento de inferioridade e, conseqüentemente, do desenraizamento do homem do campo. Mas não podemos negar que mesmo hoje em dia ainda existe esse sentimento que acaba por se refletir na imigração de muitos homens do campo para os grandes centros urbanos²¹.

²⁰ Simone Weil usa esse termo em língua inglesa no seu texto como contrário de *out of it* (fora disso) para expressar um possível sentimento de estar incluído em algo tido como importante, ou que é dado essa importância por determinados motivos que são do interesse dos indivíduos incluídos nesse “nicho social”.

²¹ É necessário salientar que assim como os camponeses a quem Simone Weil se refere em sua obra, nos dias de hoje ainda existem pessoas que não possuem acesso à tecnologia. De acordo com uma pesquisa realizada em 2019 pela multinacional Facebook Inc. aproximadamente 3.8 bilhões de pessoas no mundo não tem acesso à tecnologia e principalmente à internet. Essa desigualdade de acesso à informação evidenciou-se no Brasil com a instauração das aulas remotas durante a pandemia do vírus COVID-19, de acordo com dados do levantamento feito pelo Centro

O desenraizamento camponês é mais facilmente sentido por aquele que não é camponês do que o desenraizamento operário por aquele que não é operário. Isso se dá pelo fato de que o camponês desenraizado abandona o campo e se dirige para os grandes centros, e quanto maior a quantidade de camponeses que faz esse processo de abandono, maior é a taxa de desemprego. Para diminuir esse desenraizamento é necessário que esses camponeses tenham a atenção daqueles com voz também voltada para si e não apenas para aqueles que a seus olhos já parecem privilegiados. Sobre isso, Simone Weil escreve:

É preciso tomar consciência de uma das maiores dificuldades da política. Se os operários sofrem cruelmente por se sentirem no exílio nesta sociedade, os camponeses, quanto a eles, têm a impressão de que nesta sociedade, ao contrário, somente os operários estão em casa. Aos olhos dos camponeses, os intelectuais defensores dos operários não aparecem como defensores dos oprimidos, mas como defensores de privilegiados. Os intelectuais não suspeitam desse estado de espírito. (WEIL, E, 2001, p. 77).

O fato de que os intelectuais não percebem tal disposição de estado de espírito dos camponeses acaba por perpetuar esse privilégio não intencional de defender apenas os operários, o que aumenta o complexo de inferioridade dos camponeses e se torna motor para que esse ciclo de desenraizamento continue a se repetir infinitamente caso não haja uma mudança. Ainda sobre isso a filósofa francesa escreve:

O complexo de inferioridade nos camponeses é tamanho que se vêem camponeses milionários achar natural serem tratados por pequenos burgueses aposentados com uma arrogância de colonialistas para com indígenas. É preciso que um complexo de inferioridade seja fortíssimo para não ser apagado pelo dinheiro. (WEIL, E, 2001, p. 77).

O desenraizamento camponês tem como um de seus fatores a falta de propriedade, pois eles têm em primeiro lugar a necessidade de propriedade privada, o que para nossa filósofa é algo saudável desde que se veja a necessidade de propriedade como ela é – uma necessidade de fato – e não como um título jurídico de propriedade que pode ser transformado em riqueza com o tempo. Simone Weil acredita que grandes propriedades agrícolas controladas por capatazes e pertencentes a pessoas que se importam apenas com os lucros são um desserviço tanto para o camponês quanto para a própria terra, sendo assim, ela defende que ao invés de grandes propriedades se tenha cada trabalhador cultivando de forma extensiva²² seu próprio pedaço de terra com compartilhamento de equipamentos e espaço para trabalhar em todos os procedimentos necessários que não aconteçam na terra.

Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) 4.8 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar não tem acesso à internet em casa.

²² O cultivo extensivo é um sistema de agricultura que tem como principais características a baixa mecanização, o predomínio de mão de obra humana e a utilização de técnicas de cultivo rudimentares ou tradicionais. É um cultivo comum em países subdesenvolvidos por não necessitar de grande investimento financeiro.

Assim como com a classe operária, o dinheiro também é fator de desenraizamento dos camponeses – embora em condições diferentes. Enquanto o operário só pensa em bater sua meta de peças, o camponês deixa de pensar na terra como meio de trabalho e passa a pensar nela como riqueza, ou abandona essa mesma terra com vistas em uma sobrevivência e consideração (da sociedade para com o trabalhador por causa dos serviços prestados) na velhice – a aposentadoria que é uma opção nas cidades, mas não no campo. Sobre isso, Simone Weil escreve:

Uma medida que tocaria o coração dos camponeses seria a de decidir ver a terra como um meio de trabalho, e não como uma riqueza na divisão das heranças. Assim não se veria mais o espetáculo escandaloso de um camponês endividado durante toda a vida para com um irmão funcionário público que trabalha menos e ganha mais. (WEIL, *E*, 2001, p. 78).

Para Simone Weil, enquanto a instabilidade desenraiza o operário, a estabilidade profissional causa o mesmo efeito no camponês. Um camponês – na época em que nossa filósofa escreve esse livro – começa sua vida de trabalho aos quatorze anos e nessa idade tudo que envolve o trabalho no campo é, para ele, alegria, embriaguez (para usar o termo que a própria pensadora utiliza). O ato de recriar o mundo através do seu trabalho é novo e belo quando a força é superada pelo trabalho a ser realizado, mas com o passar dos anos essa força vai se multiplicando e superando o trabalho, e os dias passarão sempre da mesma forma, o que fará com que o camponês pare de ver beleza no ato do trabalho e o veja com certo tédio.

O que Simone Weil sugere é que é preciso que o primeiro contato do jovem com o trabalho seja comemorado, que “[...] essa primeira embriaguez fosse consagrada por uma festa solene que a fizesse penetrar para sempre no fundo da alma.” (WEIL, *E*, 2001, p. 79) E, quando a sede por algo novo de novo o tomasse alguns anos depois, seria necessário mandar esse jovem camponês numa viagem pelo país – ou até fora dele – para visitar os campos, bem como oferecer algum tipo de instrução que possa substituir aquela que ele abandonou aos treze ou quatorze anos. Algo semelhante a um intercâmbio. Essas viagens seriam sem custo para o jovem, completamente voluntárias e os pais não poderiam impedi-las. Tendo andando pelo mundo e se instruído nos campos, o jovem camponês voltaria para casa pronto para exercer seu trabalho sem empecilhos, inquietações e talvez até tivesse parte daquele sentimento de exclusão dos acontecimentos importantes retirado dele, o que o ajudaria a não se sentir inferior ou esquecido. Ser lembrado dessa forma ajudaria no verdadeiro enraizamento dos jovens no campo.

Também para os camponeses – como foi para os operários – é necessário cultivar o espírito, ou seja, apresentar-lhes a cultura intelectual de forma traduzida própria para sua realidade, preferivelmente de modo a atenuar o impacto da modernidade em seu modo de vida.

Nossa filósofa afirma que ao ler relatos onde se fala sobre a vida do camponês no passado poderia se concluir que “[...] os camponeses mais infelizes, de então, tinham um destino infinitamente preferível ao dos camponeses mais felizes de hoje.” (WEIL, *E*, 2001, p. 82). Ela também defende que a ciência seja apresentada de forma apropriada – e diferente – para operários e camponeses. Enquanto que é natural para os operários toda a mecanização dominante em sua vida (principalmente na época em que vive e escreve nossa filósofa), aos camponeses isso já não é mais viável e a esses deve se reservar como centro os processos naturais que vão desde a energia solar que auxilia na alimentação das plantas até a energia – consumida pelo homem – que é gasta com a lida da terra. Para ela a ciência pode ser explicada a partir desse ponto de vista pois é a energia que está no coração de tal explicação.

O início da solução para o desenraizamento moral – camponês recai também nas mãos da educação escolar, ou antes disso, na formação do professor que dará aulas num vilarejo camponês. É necessário dar a eles uma formação específica que comungue com o campo e com o trabalho ali exercido, não uma formação que converse diretamente – e apenas – com as escolas de cidades grandes que não têm aspectos do campesinato, sendo também parte importante dessa formação conhecer os camponeses e o trabalho que eles fazem. Para isso, Simone Weil sugere que eles leiam literatura feita por camponeses, conheçam o folclore dessas pessoas e que se deve enviá-los para um ano de trabalho nos campos sem que seja dito a seus companheiros camponeses que aquele que está a trabalhar com eles é um futuro professor – para que eles não compreendam a lida da terra como um trabalho inferior a outros. É de suma importância trabalhar com esses futuros professores para que eles entendam que não são superiores aos seus pais ou aos alunos camponeses apenas porque adquiriram mais conhecimento acadêmico do que essas pessoas possuem.

O desenraizamento camponês orbita em torno de um núcleo, o esquecimento. Esse esquecimento do povo camponês, desde muito antes do advento das fábricas – com o que Simone Weil constantemente compara em seu texto – origina o sentimento de inferioridade, que deixa esses camponeses mais suscetíveis às mudanças do mundo, o que acarreta a sensação de estar fora de algo importante enquanto se permanece num campesinato, intensificando o sentimento de inferioridade. É por causa desse sentimento que pessoas que abandonam o trabalho braçal no campo acabam por achar que – conscientes ou não – estão acima daqueles que permaneceram, isso se pode ver claramente nos professores de vilarejos que além de não serem adequadamente instruídos para tal, muito raramente fazem o esforço de tradução do ensino acadêmico para que os alunos dos campesinatos consigam acessar à cultura acadêmica mesmo quando não está ao seu alcance. Tudo isso leva a um ciclo onde o camponês mergulha

no sentimento de inferioridade, sentindo-se indigno de ser tão barulhento quanto os operários e acaba continuando desenraizado e esquecido.

3.3 Desenraizamento geográfico e nação

Simone Weil era de família judia e como tal, precisou sair da França com sua família para escapar dos avanços do exército nazista no fim da Segunda Guerra Mundial, e como sua filosofia sempre foi escrita tendo como base as experiências por ela vivenciadas, com *O Enraizamento* não se deu de forma diferente. Tendo como ponto fixo para sua reflexão o momento em que se encontra ao escrever sua obra²³, a filósofa francesa dedica a terceira seção da segunda parte do seu livro a repensar e compreender as atitudes do povo francês diante da ameaça da dominação alemã.

Empreendendo um estudo histórico que começa durante os séculos das colonizações empreendidas pelos franceses que tinham apenas como único intuito agregar território e povo ao país, passando brevemente pela revolução francesa e se encerrando em seu momento atual, Simone Weil irá nos apresentar o conceito de patriotismo e enraizamento em uma coletividade.

Existem vários tipos de coletividades no mundo, tais como a família, o trabalho, a religião, mas para Simone Weil elas não podem ser consideradas correspondentes a territórios, pois em sua contemporaneidade elas são muito pequenas para tal. Sendo assim, apenas uma pode ainda ser considerada uma coletividade correspondente a territórios, ela é a nação, ou o Estado. Porém, não se deu sempre assim visto que a nação, ou o conceito de nação como é entendido hoje é algo recente.

No passado o patriotismo levou pessoas a morrerem, a ponto de povos serem extintos por não serem capazes de admitir o completo domínio por estrangeiros, foi o que aconteceu com as tribos espanholas como reação ao autoritarismo violento romano. Patriotismos como esses nunca tiveram um objetivo que unificasse os povos de um mesmo território, pois sempre foram mais dispersos, sendo dirigido a senhores, reis, empregadores ou cidades. A depender do nível de perigo e da lealdade daqueles envolvidos, esse sentimento poderia se expandir ou se estreitar alcançando por vezes um país inteiro e, por outro lado, não sendo suficiente para uma província.

Para Simone Weil, o processo de desenraizamento do povo francês começa no século XIV quando Carlos VI impõe o sistema de impostos no país – até então visto como humilhante

²³ Durante seu último ano de vida, Simone Weil, então refugiada, trabalhou em Londres enquanto escrevia *O Enraizamento*.

por ser um sistema que até então era instaurado apenas em países conquistados – que levou boa parte do povo mais pobre à miséria e foi motivo suficiente para que esses mesmos miseráveis vissem os conquistadores ingleses como salvação. Nossa filósofa defende que depois desse episódio histórico e até o fim da vida monárquica da França, o receio associado a figura do rei nunca foi extinto.

Não devemos esquecer que a França conhecida por Simone Weil – originalmente muito menor – foi resultado do processo de colonização, ou seja, pequenos países conquistados. Durante a monarquia francesa muitos dos nobres e comandantes não tinham o interesse em tratar o povo desses territórios como franceses, muitas vezes empregando um tratamento brutal. Povo que viu seu país ser subjugado, que viu cidades serem destruídas, viu a Inquisição acontecer e eliminar o pouco que lhes restara de sua cultura e, mesmo depois de sua integração forçada com o reino francês ainda eram tratados com a brutalidade com que se tratam colonos rebeldes. Sobre isso, Simone Weil escreve:

Esses soldados²⁴ fizeram uma expedição de pilhagem para o lado da Holanda, e trouxeram de lá ricos burgueses que se decidiu matar; um movimento de piedade levou a oferecer-lhes a vida se quisessem ser vassalos do rei da França, eles responderam que uma vez mortos seus ossos recusariam, se pudessem, ser submetido à autoridade do rei da França. Um historiador catalão da mesma época, contando a história das Vésperas sicilianas, diz: “Os franceses, que, em toda a parte em que dominam, são tão cruéis quanto é possível sê-lo...” (WEIL, *E*, 2001. p. 100).

Quando um povo é tratado de forma violenta e insensível por aqueles que deviam zelar por eles, dois comportamentos podem ser despertados nos indivíduos: uma letargia doentia que pode acabar no *malheur* e uma reação violenta em busca de liberdade ou vingança. Mas em ambos os casos esse desenraizamento carrega o desprezo por aqueles que dominam, e esse desprezo pode se estender por gerações até o ponto de não mais ser lembrado seu motivo e ainda assim ele continuar a ser perpetuado.

A Revolução Francesa (1789 – 1799) surgiu dessa revolta, mas acabou sendo modificada com o passar dos anos e acabou por assumir um caráter patriótico. “Aqueles que tinham sido franceses à força passaram a sê-lo por livre consentimento; muitos daqueles que não o eram desejavam vir a sê-lo.” (WEIL, *E*, 2001, p. 102) A rejeição para com a monarquia e o medo de um futuro igual ao passado fez a pátria se tornar o bem soberano e mais precioso do povo que havia sido tratado com descaso por anos. É ainda durante a revolução que o patriotismo deixa de significar esse devotamento desmedido à nação soberana que retirou o rei do poder e passa a ser um devotamento ao Estado (algo existente na monarquia), mudando assim de uma orientação política de esquerda para uma de direita (WEIL, 2001).

²⁴ Aqui, Simone Weil refere-se aos soldados do rei Carlos VI.

Cada nação pode ter motivos diferentes para que o sentimento de patriotismo se enfraqueça. Má gestão, atitudes vergonhosas para com o exterior, derrota em uma disputa ou guerra, entre outros são alguns dos motivos. Até o final do século XIX a França ainda não havia passado por tal enfraquecimento e decidiu declarar guerra contra o Reino da Prússia²⁵ ao ver a supremacia francesa enfraquecer enquanto a independência do mundo se agigantava. Com a guerra, o sentimento de patriotismo do povo foi minado, ainda assim a vergonha da derrota contra os alemães manteve a fachada.

Durante a Segunda Guerra Mundial esse sentimento de patriotismo foi genuinamente reaceso, exceto em algum momento de 1940 quando “[...] viu-se quão pode ser hediondo e lastimável o espetáculo de um povo que não está ligado a nada por nenhuma fidelidade.” (WEIL, *E*, 2001, p. 106). Mas passado esse momento, a França lutou contra a tomada alemã que inevitavelmente traria o desenraizamento, contra a perda do passado coletivo e individual insubstituível de uma coletividade, de uma nação. A filósofa afirma que uma guerra e um pós-guerra são os momentos em que os equilíbrios vigentes acabam por se romper, ou seja, do mesmo modo em que pode ocorrer o total abandono da pátria, também pode dar-se o contrário. Em meio à devastação de uma guerra onde se é tirado tudo que de mais importante o ser humano tem – seja de forma abrupta ou lenta e agonizante – a pátria acaba por se tornar a “tábua de salvação” a qual o povo tenta se agarrar. Desesperados e à beira do desenraizamento, o povo dedica a pátria toda sua fidelidade e sacrifícios, transformando-a em uma entidade fora do bem e do mal e esquecem o que ela é e representa. Sobre isso, Simone Weil afirma:

Colocar a pátria como um absoluto que o mal não pode macular é um absurdo incontestável. A pátria é um outro nome da nação; e a nação é um conjunto de territórios e de populações reunidos por acontecimentos históricos em que o acaso tem uma grande parte, tanto quanto a inteligência humana pode julgar, e em que se misturam sempre o bem e o mal. A nação é um fato, e um fato não é um absoluto. Ela é um fato entre outros análogos. Há mais de uma nação na superfície da terra. A nossa é certamente única. Mas cada uma das outras, considerada em si mesma e com amor, é única no mesmo grau. (WEIL, *E*, 2001, p. 121).

Essa visão singular de soberania e direito quase celeste que Simone Weil nos aponta pode facilmente se perpetuar para muitos anos após o fim da guerra, chegando ao ponto de impedir a realização de uma das necessidades da alma humana, a justiça, pois se eleva o fanatismo nacional e acaba-se por esquecer o que existe por trás de uma nação, um velho Estado

²⁵ A guerra Franco-Prussiana foi um conflito armado envolvendo a França contra um conjunto de estados germânicos liderados pela Prússia, que se desenrolou entre 1870 e 1871. Em discordância estavam o chanceler prussiano Otto von Bismark que desenvolvia uma política de unificação da Alemanha e o imperador francês Napoleão III que tinha como objetivo recuperar o prestígio perdido e manter a supremacia francesa na Europa.

regido por homens passíveis de erro e corrupção como qualquer outro e ainda mais por ter nas mãos o poder constitucional.

Existe comumente em tempos de paz – em ocasiões em que o Estado exige o patriotismo – uma insatisfação latente, mas nunca forte o suficiente para superar a mera insatisfação estática, o que gera uma ideia de que se deve apenas reconhecer obrigações como coisas que não são desse mundo, afinal o que é “terreno” está seguro. Em ocasiões como essa onde não existe um cenário de guerra que requer toda a força do patriotismo, o povo se volta para a religiosidade e à contemplação, muitas vezes deixando de lado a ação – inclusive a ação em nome de Deus – o que para Simone Weil é um pensamento fundado na mentira visto que “[...] aquele que não ama seu irmão que ele vê, como amaria Deus que não vê?” (WEIL, *E*, 2001, p. 145) Para ela até mesmo a caridade religiosa pode ser enxergada pelo viés do patriotismo, afinal de que adianta se preocupar com o inalcançável – seja ele de cunho espiritual ou apenas impossibilidade de auxílio causado por fronteiras territoriais – e esquecer aqueles ao seu lado que necessitam de ajuda?

Outra comum situação em tempos como esse é a total negação das obrigações para com a nação, obrigações intrínsecas a todo e qualquer morador de um país. Mesmo que seja uma nação limitada e imperfeita, existem obrigações relacionadas ao enraizamento, ou seja, obrigações relativas à alma que geram maneiras de pensar e agir que podem ser exercidas apenas no meio nacional. Simone Weil descreve as consequências da ruptura com essas obrigações relativas à alma dando o exemplo da “retirada” abrupta da França da vida dos franceses:

Hoje, todos os franceses sabem o que lhes faltou desde que a França soçobrou. Sabem-no como sabem o que falta quando não se come. Sabem que uma parte de sua alma adere tanto à França que quando a França lhes é tirada ela permanece colada a ela, como a pele a um objeto incandescente, e é assim arrancada. Existe portanto uma coisa à qual está colada uma parte da alma de cada francês, a mesma para todos, única, real embora impalpável, e real como as coisas que se podem tocar. Portanto, o que ameaça a França de destruição – e em certas circunstâncias uma invasão é uma ameaça de destruição – equivale à ameaça de uma mutilação física de todos os franceses, e de seus filhos e netos, e de seus descendentes a perder de vista. Pois há populações que jamais se curam de terem sido conquistadas uma vez. (WEIL, *E*, 2001, p. 147).

Em meio a tal cenário não é estranho ver nações lembrando de glórias passadas e desejando mais uma vez essa grandeza espelhada nas grandes conquistas romanas às quais muitos líderes inclinados à guerra se espelham, mas Simone Weil afirma que lembrar essas glórias – muitas vezes conseguidas às custas de sangue – não enriquece a nação, ao contrário, apenas envenena a alma levando ao mesmo caminho que tomou a Alemanha. O caminho correto é a compaixão pela nação, ou seja, a total consciência e internalização dos sofrimentos

experienciados, compaixão essa que ultrapassa fronteiras e pode gerar fraternidade, que a princípio parece apenas um conceito efêmero e impalpável, mas que, passada a tormenta da guerra, auxiliará no reestabelecimento daquilo que existe na alma de uma nação capaz de suscitar o enraizamento.

A coletividade única de uma nação deve ser preservada, não apenas por ser um território que abriga um povo ou por se acreditar no direito sagrado desse mesmo povo à supremacia, mas por ser o lugar de nascimento e perpetuação de uma cultura e a ligação única entre passado, presente e futuro que constitui parte da alma desse povo.

Se o enraizamento é – talvez – a necessidade de maior importância para a alma do homem, o desenraizamento camponês é a doença decorrente daqueles que acreditam ficar para trás, completamente sem importância. Por sua vez, o desenraizamento operário é a parte dessa doença que resulta da supervalorização do capital e do desprezo ao indivíduo; já o desenraizamento relativo à nação constitui a mais antiga desgraça, da qual poucos podem escapar de seu agravamento – o *malheur* – e muitas vezes da qual a morte é um alívio. As três partes constituem, para Simone Weil, separadas ou juntas, um veneno poderosíssimo para o corpo e a alma capaz de destruir, fazer destruir e manter a morte enquanto ainda se há vida.

CAPÍTULO IV: OS *METAXU* PARA O ENRAIZAMENTO

O conceito de enraizamento cunhado por Simone Weil se desenvolve – mais do que numa simples definição de “estado ideal da alma numa sociedade” – num conjunto de particularidades que envolvem a alma (*psique*) humana e o âmbito social em que esse humano está inserido. As primeiras particularidades apresentadas neste trabalho foram as necessidades da alma, necessidades tão importantes quanto as corpóreas para a vivência e adequação dos indivíduos numa coletividade. E, até então, as ideias que apareciam em *O Enraizamento* tinham como área a filosofia ético-política com algumas referências à metafísica e à mística, mas, no último capítulo deste livro, nossa filósofa assume esse caráter místico desenvolvido, sobretudo, em seus últimos anos de vida, fazendo *O Enraizamento* uma obra completa apesar de inacabada.

No último capítulo que tem título homônimo à obra aqui estudada, Simone Weil nos apresentará a busca por uma forma de inspirar o povo, busca essa já antiga e que já passou por algumas mentes brilhantes como a de Platão, Montesquieu, Rousseau e até mesmo a mente engenhosa de Hitler, que em seu curto e devastador reinado de caos se utilizou de uma forma de insuflar a “inspiração” do povo alemão a seu favor, ainda que de forma manipuladora. Sua propaganda cumpriu tão bem o papel de fazer surgir um fanatismo disfarçado de inspiração nos alemães que é, até os dias atuais, objeto de estudo nas faculdades de filosofia e psicologia. Mas, assim como as justificativas para toda a crueldade e desumanidade que foram adornadas pelo partido nazista para ser digeridas sem muitos questionamentos, sua propaganda também era vazia daquilo que interessa e estava longe de ser o que Simone Weil aceitava como sendo uma inspiração adequada para reerguer uma nação.

Alguns podem pensar que essa fonte de inspiração então seria cabível apenas a Deus, como num passe de mágica, sem que seja possível uma interferência mundana, o que nossa filósofa afirma ser equivocado, já que tudo que existe está sujeito ao método, até mesmo o que ela chama de pontos de intersecção, ou seja, pontos intermediários para se chegar ao enraizamento. Sendo assim, no último capítulo desse trabalho iremos empreender um estudo sobre esses *metaxu*, esses intermediários para a inspiração e, conseqüentemente, para o enraizamento.

4.1 A espiritualidade como centelha de um povo

Simone Weil acredita que aquilo que pode funcionar como inspiração real para o povo deve, acima de tudo, estar voltado para o bem, e sendo este último capítulo do seu livro de forte

influência mística, Simone Weil compreende a espiritualidade – independente de religião ou dogma – como sendo um dos *metaxu*, algo completamente voltado para o bem.

Em todas as coletividades de qualquer época e de qualquer lugar do mundo, estejam elas extintas ou não, em sua forma mais primitiva ou em pleno desenvolvimento, podemos encontrar vestígios de manifestações espirituais, na maioria das vezes atrelada a uma forma de religião derivada do estilo de vida daquele povo, ou seja, aquilo que de alguma forma trazia um bem para a vida daqueles indivíduos. “É o postulado de que o que está espiritualmente bem está bem em relação a tudo, sob todos os aspectos, em todo tempo, em todo lugar, em todas as circunstâncias.” (WEIL, *E*, 2001, p. 181). Da mesma forma que a idolatria – mais uma vez independentemente de qualquer religião – ou seja, a devoção elevada à última instância possível ao ser humano acaba por tornar absoluta uma realidade criada (a realidade que habitamos) não condizendo com o que ela realente é, isto é, um intermediário, acaba por causar um mal, sobre isso Gabellieri afirma:

Todo pensamento ou ação que torne assim absoluta uma realidade criada “desenraiza” esta realidade, assim como os indivíduos que se lhe referem ocultando e destruindo as *relações* pelas quais essas realidades são o que são. Mas esse desenraizamento pode também ser a ação de uma mística que, querendo “agir depressa demais”, quer superar cedo demais os *metaxu*, se proíbe de realizar a junção entre o singular e o universal e se expõe então ao nada em lugar da plenitude do ser. É por serem os *metaxu* necessários para se elevar na direção de Deus respeitando a distância, que é “criminoso” destruí-los pelo desenraizamento. (GABELLIERI, 2009, p. 113 – 114)

Gabellieri dialoga tendo como referência principal o ponto de vista de Simone Weil e, sendo ela grande conhecedora da religião cristã desde sua primeira experiência com o deus cristão em meados de 1937, acaba por se referir a Deus em sua mística, mas não o faz de forma restritiva ou excludente para com as outras religiões. Ao se referir a uma história budista em seu texto, Simone Weil nos mostra que sua filosofia não é restrita ao cristianismo e vai além, nos mostrando que a espiritualidade também não precisa ser ao escrever que “[...] há ações que têm a virtude de transportar da terra ao céu uma parte do amor que se encontra no coração de um homem.” (*E*, 2001, p. 191)

A filósofa francesa acredita ser de vital importância para uma coletividade do tamanho de uma nação, essa espiritualidade. Sendo assim, ela defende que a queda da França sob Hitler em 1940 tem como parte da causa a laicidade em que o país submergiu depois do estabelecimento da ciência moderna. De acordo com ela “Não se pode portanto dizer que a vitória de Hitler sobre a França de 1940 tenha sido a vitória de uma mentira sobre uma verdade. Uma mentira incoerente foi vencida por uma mentira coerente. É por isso que, ao mesmo tempo que as armas, os espíritos se dobraram.” (*E*, 2001, p. 218). Nesse trecho, a espiritualidade tem

um caráter muito mais amplo que apenas o religioso ou dogmático, ela deve estar firme – como o nome já sugere – no espírito do povo, como uma “substância” fortalecedora, que lhes confere resistência e persistência diante das adversidades. Logo, nossa autora concorda que era de se esperar que uma nação tão desenraizada e desprovida dessa espiritualidade teria sua resistência quebrada com certa facilidade.

É preciso esclarecer que Simone Weil não está acusando a ciência de ser a inimiga da espiritualidade ou algo semelhante a isso. Ela admira a forma da ciência antiga, a ciência grega, que infelizmente foi destruída graças à barbárie do povo romano – que mais adiante, depois de dizimar culturas riquíssimas e matar por diversão e poder, ainda foi chamado de civilizado. Simone Weil critica a ciência moderna, que ressurgiu na Itália e na França no século XVI, ciência essa diferente daquela antiga e completamente incompatível com qualquer espiritualidade. Com a aurora da ciência moderna, a espiritualidade – e consequentemente a religião – foi relegada a algo de domingo, segundo suas palavras.

Deste modo, Simone Weil atribui o baixo nível ao qual a concepção de fé foi reduzida com a invasão do pragmatismo. De acordo com ela, a fé não deve ser tratada como um “dar e receber”, sendo assim, a efetividade da fé exigida pelo pragmatismo, além de inaplicável vai contra o princípio a que esta mesma fé está ancorada, que é a crença incondicional a hipótese que um indivíduo passa a considerar como uma verdade sem que haja qualquer prova empírica dessa veracidade. No ponto de vista da mística Simone Weil “A fé antes é de tudo a certeza de que o bem é uno.” (*E*, 2001, p. 228) e o pragmatismo subdivide esse bem, transformando-o em uma espécie de politeísmo de bens.

Assim como existiram coletividades com essa espiritualidade desenvolvida em todos os âmbitos comuns, existiram também aquelas a quem Simone Weil condena como idólatras. O exemplo mais famoso é o do Império Romano, onde o imperador tinha uma relação de proprietário e escravo com o povo, relação essa que não era questionada e ia ao ponto de ser vista como normal pelas duas partes. A filósofa francesa afirma que:

[...] os romanos, vendo a escravidão como a instituição de base da sociedade, não achavam nada em seu coração que pudesse dizer não a um homem que afirmava ter sobre eles o direito de propriedade, e sustentava vitoriosamente essa afirmação pelas armas. Nada também que pudesse dizer não a seus herdeiros, de quem eram propriedade por direito de herança. [...] Suicidavam-se quando recebiam ordem, não de outro modo; um escravo não se suicida, isso seria roubar o senhor. (WEIL, *E*, 2001, p. 247 – 248)

Não é surpresa para Simone Weil que uma nação tão desenraizada espiritualmente levasse essa violência que desenraiza para outras nações e, em consequência, para outras formas de espiritualidade. Sendo assim, a afirmação de que o Império Romano era tolerante é uma falácia, pois ele tolerava apenas “[...] práticas religiosas desprovidas de conteúdo espiritual.”

(WEIL, *E*, 2001, p. 248) A história prova essa hostilidade contra a espiritualidade genuína quando nos são conhecidos os episódios de massacre aos druidas da Gália, aos judeus escravizados e aos adoradores de Dionísio. Sendo o Império Romano uma nação tão carente de uma espiritualidade genuína, acabou por espalhar – quando finalmente o aceitaram – um cristianismo igualmente carente, algo que se perpetuou durante muito tempo com a imagem de um deus soberano, proprietário da criação e como tal, tendo direitos sobre ela, mas sem lhe atribuir obrigações para com essa mesma criação. Ou seja, um projeto em escala universal de um senhor de escravos romano.

4.2 O trabalho como recriação

É de conhecimento histórico que os gregos antigos viam o trabalho físico como degradante, humilhante e servil, deixando-o assim para os escravos e se ocupando de trabalhos mais nobres como a arte, a filosofia, a ciência e a política, trabalhos que eram considerados como intelectuais. Porém, para nossa filósofa, essa visão é nada menos que torpe, pois é o trabalho um dos *metaxu* para o enraizamento. Pode parecer contraditória a afirmação que o trabalho é um *metaxu* que leva ao enraizamento quando anteriormente, nesse mesmo trabalho, foi dito que ele desenraíza e em casos extremos pode levar ao *malheur*, mas existe uma linha muito tênue entre o trabalho que enraíza e o trabalho que aliena, desenraíza e desumaniza, tal qual as organizações de trabalho que foram mencionadas no capítulo anterior.

Desta forma, para Simone Weil, o ato de trabalhar é um ato de recriação do que lhe é dado pelo mundo para gerar vida, isto é, sua própria existência, ou como diz Débora Mariz “O trabalho é ato do espírito enquanto age e é regido pela necessidade inscrita nas leis da física que regem a matéria.” (2014, p. 196) Algo completamente oposto da representação de castigo que algumas interpretações bíblicas afirmaram. A filósofa francesa acredita que, no passado existiu uma civilização que tinha o trabalho como aquilo válido de se venerar acima de tudo, ela afirma que:

Vários sinais indicam que houve tal civilização, que há muito tempo o trabalho físico era por excelência uma atividade religiosa e por conseguinte uma coisa sagrada. Os Mistérios, religião de toda a Antiguidade pré-romana, eram inteiramente fundados sobre expressões simbólicas de salvação da alma tiradas da agricultura. (WEIL, *E*, 2001, p. 266).

Vemos aqui o corpo sendo ferramenta para o encontro do humano com o divino. O corpo do trabalhador é visto como ferramenta, pois é parte da natureza, parte do mundo que experimentamos diariamente e como tal está apto para recriar a matéria de seu trabalho, enquanto a alma é mais, onde se faz a espiritualidade. Logo, se as duas partes estão em

equilíbrio então temos um *metaxu* – não apenas um intermediário para o enraizamento, mas um intermediário entre o mundo e Deus e isto é tornar-se uma verdadeira expressão de fé e espiritualidade. O ato recriador do trabalho representa o movimento cíclico de finalidade, isto é, um depende o outro, ou como está escrito em um outro livro de Simone Weil, *A gravidade e a graça*:

O trabalho faz experimentar de uma forma extenuante o fenômeno da finalidade devolvida como uma bola; trabalhar para comer, comer para trabalhar... Se considerarmos um dos dois como um fim, ou ambos separadamente, estamos perdidos. O ciclo contém a verdade. (WEIL, GG, 1993, p. 202).

Ou ainda, como ela afirma em *O Enraizamento*: “A luz impalpável e sem peso é uma energia que faz subir, apesar da gravidade, as árvores e os caules de trigo. Nós a comemos no trigo e frutas, e sua presença em nós dá-nos força para ficarmos de pé e trabalhar.” (WEIL, E, 2001, p. 264).

Nos é extremamente claro que esse trabalho repleto de mística e com um equilíbrio lindo e perfeito entre o trabalhador e o mundo não é o mesmo trabalho que os escravos gregos e romanos eram obrigados a executar, e não é o mesmo trabalho exaustivo que o operário de uma fábrica é submetido por horas a fio para sobreviver. O trabalho deve ser um ato de obediência à ordem que rege a natureza, não ao dinheiro como se viu na França de Simone Weil e como se vê até hoje.

O trabalho é obediência, logo é consentimento. Nossa filósofa afirma que tal ato de consentir o trabalho dia após dia é semelhante ao ato mais perfeito de obediência dado ao ser humano para realizar, isto é, a morte. Tanto o trabalho quanto a morte podem ser encarados como obediência e aceitação ou com revolta, mas é inegável que, no fim, ambas fazem parte desse ciclo em que o humano se submete à ordem que rege a natureza. Enquanto o trabalho é concedido dia após dia durante toda uma existência, a morte só pode receber consentimento quando se encontra frente a frente com ela.

Tanto a morte quanto o trabalho são violências contra a natureza humana, a primeira por atingir diretamente a existência humana, o segundo por trazer o jugo do tempo e com ele inquietações, dúvidas, curiosidades, angústias, desejos, tensão dolorosa, monotonia, dentre outras coisas. Tudo isso se manifesta no tempo do trabalho e leva o pensamento para longe, mas, ainda assim, o trabalhador continua submetido ao tempo da forma mais inerte possível. “É por isso que os trabalhadores exprimem o sofrimento do trabalho pela expressão ‘achar o tempo longo’.” (WEIL, E, 2001, p. 272) Sendo assim, é compreensível que os gregos antigos escolhessem deixar o trabalho para os escravos, mas o que eles não perceberam é que, tão

semelhante à morte, o trabalho se torna mais nobre e dotado de mais significado espiritual do que tudo aquilo a que eles se dedicavam.

A espiritualidade e o trabalho devem ser a base de uma sociedade verdadeiramente enraizada, estando ambos bem estabelecidos e sendo tratados de forma correta, torna-se mais simples suprir as necessidades da alma humana, bem como as necessidades físicas. Tudo indica que culturas anteriores a dos gregos, que conhecemos, podem ter alcançado esse equilíbrio tendo como centro espiritual o trabalho e estendendo essa espiritualidade para os outros âmbitos da vida e da comunidade. Esse seria, para Simone Weil, o modelo ideal de coletividade verdadeiramente enraizada.

CONCLUSÃO

No pensamento de Simone Weil podemos encontrar traços de diversas vertentes e áreas filosóficas, mas sempre com uma orientação voltada para uma ética humanitária muito própria dessa filósofa, uma forte compaixão para com o outro que começa a se desenvolver antes mesmo do início de seus estudos filosóficos. Logo, em sua última obra, *O Enraizamento*, não poderia ser diferente. Dentro desse viés ético, a filósofa nos explica que o enraizamento é aquilo de tão necessário ao povo de uma nação que quando essa nação lhe é tirada ela “adere” a alma de forma análoga a pele que gruda num objeto incandescente. O enraizamento é uma necessidade visceral da alma humana e não perde essa importância por não ser algo palpável, ao contrário, por ser tão real e insubstituível torna-se tão palpável quanto qualquer outra coisa que nossas mãos podem tocar. Ao dizer isso, ela apieda-se daquelas nações que nunca se recuperaram de tal mutilação da alma.

Mas não é algo simples chegar nesse nível de enraizamento, pois, para que uma nação alcance esse enraizamento de sua população, ela precisa sanar necessidades físicas e tão importantes quanto as necessidades da alma. Na filosofia weiliana encontramos algo que ela chama de obrigação eterna. Esta, por sua vez, consiste na obrigação para com o ser humano e está fora de qualquer condição, relacionamento social ou cultural, em qualquer que seja a circunstância – até mesmo quando o outro não se entende como ser humano – e deve ser realizada. Tal obrigação nada mais é que o respeito, não a forma genérica da palavra que pode ser aplicada em qualquer argumento, mas sim um respeito muito mais primordial e sagrado: o respeito de não deixar que um ser humano se degrade ao ponto de passar fome. Não negar alimento a um ser humano que passa fome é a obrigação eterna derivada do destino eterno de todo aquele que é humano e, é tendo essa obrigação eterna como norte, que Simone Weil estabelece as necessidades da alma humana, ou seja, necessidades não-físicas que são a obrigação de uma coletividade enraizada. Necessidades como a ordem, a responsabilidade, a igualdade, a hierarquia, a honra e todas as suas necessidades irmãs, apesar de ser obrigação da coletividade, são concernentes ao indivíduo.

Junto às necessidades é preciso ainda observar a espiritualidade e o trabalho, pois são eles duas peças importantes para o enraizamento e, na sua obra homônima, são o ponto de ligação entre mística e ético-política que, apesar de serem falados mais claramente na última parte do livro, podem ser encontrados “diluídos” durante toda a narrativa d’*O Enraizamento*. O ser humano tem a ideia de alma para definir aquilo que nos difere dos animais e, sendo assim, Simone Weil vê como tendo suma importância a espiritualidade que traz a harmonia do ser

humano com o mundo e, conseqüentemente, com a ordem que rege o mundo. Mas esse pensamento se torna muito mais completo quando o trabalho é adicionado à equação, pois é através dele que o ser humano pode entrar num movimento circular de gerar existência tendo como ferramentas seu corpo e alma que transformam a matéria do mundo, não de forma nociva, mas de forma que a espiritualidade transpareça em cada movimento.

Tudo isso encontra-se no cenário ideal para o enraizamento, mas nem sempre é o que acontece e, por infinitas falhas diferentes, o ser humano ou toda uma coletividade podem ser desenraizadas, isto é, podem ser alienados de tal forma que não percebam ou não tenham a possibilidade de saciar as necessidades da alma. Os níveis dessa doença são equivalentemente perigosos e destrutivos, trazendo por vezes o *malheur*, um definhar da alma tão – as vezes ainda mais – doloroso do que uma doença corpórea. Desenraizamento e *malheur* andam juntos num equilíbrio frágil, onde alma e mente se destroem em um ciclo vicioso que muitas vezes não tem um final feliz.

A filosofia ético-política da filósofa francesa se mescla com a mística para nos mostrar que, ao lidar com seres humanos, a filosofia pode operar um cruzamento dessas áreas, visto que seu objeto de estudo é algo de uma complexidade ímpar e essa complexidade se estende a todos os âmbitos de sua existência, mas no fim tudo acaba voltando para o ser humano e para aquilo do qual ele depende, isto é, o bem.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. *Memórias de uma moça bem-comportada*. 2. ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GABELLIERI, E. Enraizamento e Encarnação: dimensões do diálogo intercultural e inter-religioso em Simone Weil. In: BINGEMER, M. C. L. **Simone Weil e o encontro entre culturas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009. p. 107 – 126.

MARIZ, Débora. Reflexões acerca do corpo do trabalhador no pensamento da filósofa francesa Simone Weil. In: **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v. 25, n. 2, 2014, p. 194 – 198.

MARTINS, A. A. *A pobreza e a graça*. Experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013.

NOGUEIRA, M. S. M. A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação. In: **Revista Sísifo**. Feira de Santana, v. 1, n. 6, 2017, p. 21 – 38.

PEPPER, Robert. Reduzindo as barreiras digitais: Índice de internet inclusiva em 2019. **Facebook Inc.** <<https://about.fb.com/br/news/2019/02/reduzindo-as-barreiras-digitais-indice-de-internet-inclusiva-de-2019/>>. Acessado em 28/08/2020.

SAFRA, Gilberto. Atenção e necessidade da alma. In: BINGEMER, M. C. L. **Simone Weil e o encontro entre culturas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009. p. 159 – 169.

SANTIAGO, Emerson. Guerra Franco-Prussiana. **InfoEscola**. <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-franco-prussiana/>>. Acessado em 17/09/20.

SILVA, Daniel Neves. História da América: Astecas. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/astecas.htm>>. Acessado em 15/04/2020.

SILVA, Daniel Neves. História da América: Incas. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/incas.htm>>. Acessado em 15/04/2020.

SILVA, Daniel Neves. História da América: Maias. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/maias.htm>>. Acessado em: 15/04/2020.

SILVA, Tomaz. Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa. **Agência Brasil**. <<https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>>. Acessado em 28/08/2020.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. In: BOSI, E. (Org.). Tradução de Therezinha Langlada. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A Gravidade e a Graça**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos).

_____. **Espera de Deus**. Tradução Manuel Barreiros. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005 (Coleção Teofanias).

_____. **O Enraizamento**. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.